

J.F. Meirinhos

Pedro Hispano e a lógica

in: Pedro CALAFATE (org.): *História do pensamento filosófico português*,
vol. I: *Idade Média* (2ª ed.)
Círculo de Leitores, Lisboa 2002, pp. 331-375

Direcção de
Pedro Calafate

IDADE MÉDIA
Volume I

Círculo de Leitores

ISBN 972-42-2708-1



9 789724 227085

Direcção de Pedro Calafate

Capa: Fátima Cândido

Ilustração da capa: «O Milagre da Eucaristia de Santo António»,
iluminura do *Breviário da Rainha D. Leonor*.

Pierpont Morgan Library, Nova Iorque.

Licença editorial por cortesia de Editorial Caminho

Impressão e acabamento: SIG – Sociedade Industrial Gráfica
para Círculo de Leitores

em Maio de 2002

Número de edição: 5700

Depósito legal número 177 764/02

ISBN 972-42-2733-3 (obra completa)

Pedro Hispano e a lógica

José Francisco Meirinhos

Dante imortalizou Pedro Hispano como autor de um afamado livro, colocando-o no segundo círculo no Paraíso entre um selectivo grupo de sábios e filósofos e ao lado de Hugo de S. Victor e Pedro Manducator: «[...] e Pedro Hispano, o qual lá em baixo [no mundo] brilha em doze livrinhos» («[...] e Pietro Spano, lo qual giù luce in dodice libelli.» *Commedia*, III, XII, 134-5). Os doze livrinhos que fazem a glória de Pedro Hispano são os tratados em que se dividem os *Tractatus* ⁽¹⁾, que viriam a ser mais conhecidos como *Summulæ logicales*, o mais bem sucedido manual de lógica composto no século XIII, um verdadeiro resumo das lógicas dos “antigos” e dos “modernos”, adoptado pela generalidade das universidades continentais até ao século XVI como manual introdutório para o ensino desta matéria aos alunos de Artes e pelo qual o próprio Dante parece ter estudado. Os *Syncategoremata* ⁽²⁾, que se ocupam de operadores sintáctico-semânticos, completam a obra lógica de Pedro, embora infundadamente lhe tenham sido atribuídos

⁽¹⁾ Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), *Tractatus, called afterwards Summulæ logicales. First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction* by L. M. de Rijk (Philosophical Texts and Studies, 22), Van Gorcum, Assen, 1972. Esta obra será citada indicando-se o tratado e a secção (exemplo: Tr. IV, 3: *Tractatus*, Tratado IV, secção 3; em alguns casos referem-se também as páginas e linhas). Esta edição supera todas as anteriores, nomeadamente a edição parcial, que apenas abrange os tratados sobre as propriedades dos termos, realizada por Joseph P. Mullally, *The Summulæ logicales of Peter of Spain* (Publications in Mediaeval Studies, 8) The University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana), 1945, reimpr. 1960.

⁽²⁾ Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), *Syncategoremata. First Critical Edition with an Introduction and Indexes* by L. M. de Rijk, with an English translation by Joke Spruyt (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 30) E. J. Brill, Leiden-New York-Köln, 1992. Também esta obra será citada indicando-se o tratado e a secção (ex.: *Sync.* IV, 3: *Syncategoremata*, Tratado IV, secção 3; em alguns casos referem-se também as páginas e linhas). Esta tradução, que se baseia num texto restituído criticamente, supera a de Joseph P. Mullally: *Peter of Spain «Tractatus Syncategorematum» and Selected Anonymous Treatises*, Transl. Joseph P. Mullally; introd. Joseph P. Mullally and Roland Houde, (Mediaeval Philosophical Texts in Translation, 13) Marquette University Press, Milwaukee (Wis.), 1964.

outros escritos de lógica ⁽¹⁾. Este par de textos retrata bem a situação da lógica por volta de 1250 e deixa antever os desenvolvimentos técnicos dos séculos seguintes, para os quais contribuirá directamente. Dispomos hoje de excelentes edições críticas das obras lógicas de Pedro Hispano, realizadas pelo académico holandês Lambert Marie de Rijk, notável historiador da lógica e filosofia medievais que ao longo de várias décadas trouxe à luz da imprensa uma imensa quantidade de textos lógicos medievais ignorados ou defectivamente editados, como acontecia com as obras de Pedro Hispano.

A lógica medieval é em grande parte um aprofundamento da lógica antiga, tomando a sério o seu carácter metodológico e fundacional, mas a apropriação desta ocorre em paralelo com uma reorganização prática do *corpus* textual antigo onde são introduzidas novidades temáticas de que resultarão os aspectos mais criativos da lógica medieval ⁽²⁾. A partir do século XII a lógica desenvolve-se em duas direcções principais: a análise da predicação e das proposições, que é sobretudo uma reelaboração da tradição aristotélico-boeciana e a análise das propriedades dos termos categoremáticos e das expressões sincategoremáticas, exigida por algumas brechas no edifício tradicional da lógica, que abre todo um novo campo de teorização onde confluem gramática, semântica, lógica e metafísica, a partir de alguns conceitos nucleares colhidos em Boécio e no gramático Prisciano. Estas orientações, conjugadas com as modalidades próprias dos exercícios escolásticos, induzirão os desenvolvimentos mais sofisticados da lógica dos séculos XIV e XV: a *grammatica speculativa*, a lógica das *consequentia* e a dos *modi significandi*, os *sophismata* e os *insolubilia*.

Embora conscientes de trabalharem uma língua particular, os lógicos medievais latinos não aspiravam menos que a construir uma lógica universal, procurando as estruturas elementares e formais do discurso, às quais se procurava reduzir todo o discurso natural complexo como forma de resolver problemas. Há entre os lógicos dos séculos XII e XIII o nítido sentido das novidades introduzidas, explicitamente designadas pela expressão *logica modernorum* ou lógica dos modernos, centrada nas propriedades dos termos, em contraposição com a *logica antiquorum*, a lógica dos antigos de raiz aristotélico-boeciana centrada na proposição. As obras lógicas de Pedro Hispano são um eloquente testemunho da inserção da nova lógica no con-

(1) Ver a parte final desde capítulo. O lógico Pedro Hispano do século XIII não deve ser confundido com o Pedro Hispano gramático, do século XII, autor da *Summa «Absoluta cuiuslibet»*, ed. C. H. Kneepkens, *Het «Iudicium Constructionis»*. *Het Leerstuk van de constructio in de 2de Helft van de 12de Eeuw*, vol. 4, Ingenium Publisher, Nijmegen, 1987.

(2) Cfr. Sten Ebbesen, «Ancient Scholastic Logic as the Source of Medieval Scholastic Logic», in Norman Kretzmann, A. Kenny, J. Pinborg (eds.), E. Stump (ass. ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy from the rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 101-127.

junto dos temas da tradição aristotélico-boeciana, embora cada parte seja tratada em separado, sem pontos de ligação entre os dois domínios, mas fornecendo um verdadeiro catálogo de definições, esquemas e regras que permitem adquirir a equipagem conceptual indispensável para a disputa, para a formulação de proposições verdadeiras e para a dissolução de ambiguidades e paradoxos.

São múltiplos os factores que estão na base da importância avassaladora que a lógica assumirá no âmbito geral do pensamento e do ensino medievais ⁽¹⁾. A formação escolar elementar e universitária tem na sua base as artes do *trivium* (*grammatica, dialectica, rethorica*), ciências da linguagem (*ars* ou *scientiae sermocinalis*) que estimulam e exigem a clarificação do carácter formal e material da linguagem, com vista à discussão de teses paradoxais de escopo teológico e metafísico, onde a dialéctica se insinua com força crescente. A dilucidação da natureza sintáctica, semântica e pragmática da linguagem está na origem de uma verdadeira explosão da teorização gramatical, na qual se enxertam alguns dos mais importantes desenvolvimentos da lógica durante a Idade Média ⁽²⁾. Até ao início do século XII a biblioteca de textos lógicos disponíveis é reduzida e constitui um cânone praticamente inalterado desde os trabalhos e traduções de Boécio no século VI: as *Categorias* e o *Peri hermeneias* ou *Da interpretação* de Aristóteles, a *Isagoge* de Porfírio, todos traduzidos por Boécio, autor de comentários a essas obras e de outros opúsculos lógicos (*De divisione, De differentiis topicis, De syllogismo categorico, Introductio ad syllogismos categoricos, De syllogismo hypothetico*). Deste grupo faziam ainda parte alguns pequenos textos, como o *De dialectica* de Agostinho e um ou outro opúsculo mais recente, como o *Liber sex principiorum* de autor anónimo do século XII. Após meados do século XII aqueles textos passam a ser conhecidos como *logica* ou *ars vetus*, em contraposição com a *logica* ou *ars nova*, grupo de textos até aí de di-

(¹) Continua a ser útil a obra de Philotheus Boehner, *Medieval Logic. An Outline of its Development from 1250-c. 1400*, Manchester University Press, Manchester 1952 (repr. 1966). O volume de Alexander Broadie, *Introduction to Medieval Logic*, Clarendon Press, Oxford, 1993 (2nd ed.), centra-se em particular nas teorias da inferência em autores dos séculos XIV e XV. Aproximações gerais à lógica no âmbito da filosofia medieval podem encontrar-se em Alain de Libera, *La philosophie médiévale* (Premier cycle), PUF, Paris, 1993; ou em P. Rossi e C. A. Viano (cura), *Storia della filosofia. 2. Il Medioevo* (Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma-Bari, 1994; N. Kretzmann, et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy ...*, op. cit., oferece um panorama desenvolvido da literatura filosófica medieval e dos diferentes ramos da lógica (cfr. os estudos insertos nas Partes I-V e XI).

(²) Sobre a importância da gramática nas origens do desenvolvimento da lógica escolástica e da sua interconexão com questões teológicas ver Alain de Libera e Irène Rosier, «La pensée linguistique médiévale», in Sylvain Auroux (ed.), *Histoire des idées linguistiques*, t. 2, Mardaga ed., Paris, 1992, pp. 115-186; ver também no final do volume o utilíssimo vocabulário: «La terminologie linguistique latine médiévale», por I. Rosier, pp. 590-597. Ver também Alfonso Maierù, «The Philosophy of Language» (trad. E. Sansone), in Giulio Lepschy, *History of Linguistics*, Vol. II, *Classical and Medieval Linguistics*, Longman, London-New York, 1994.

fusão escassíssima ou conhecidos apenas indirectamente e que incluía os restantes textos do *Organon* de Aristóteles: as *Refutações sofisticas*, os *Analíticos primeiros* e os *Tópicos* em traduções de Boécio reencontradas e os *Analíticos segundos* numa tradução realizada por Tiago de Veneza no segundo quarto do século XII e que seriam assimilados muito mais lentamente. Encontraremos a generalidade destes textos na parte do *Tractatus* de Pedro Hispano relativa à *logica antiquorum*, que de facto inclui a *logica vetus* e a *logica nova* (cfr. *Tratados* I-V e VII). Já a *lógica modernorum* abre o estudo das propriedades de significação e referência dos termos categoremáticos (cfr. *Tratados* VI e VIII-XII) e con-categoremáticos (cfr. *Synkategoremata*). De qualquer forma, na terminologia medieval as obras lógicas de Pedro Hispano cabem no âmbito da *logica modernorum* por conciliarem os dois grupos, novo e antigo, da lógica clássica e por acolherem o tema das propriedades dos termos deles ausente. O problema (*problema*), a dúvida (*dubium*), a questão (*questio*), a disputa (*disputatio*), os sofismas (*sophismata*) e a lição (*lectio*) são técnicas expositivas e narrativas que nas obras de Pedro encontramos apenas no âmbito da *logica modernorum*, o que testemunha como o desenvolvimento desta parte da lógica é solidária com as diversas vertentes dos métodos escolares ⁽¹⁾.

Para além do carácter propedêutico das ciências da linguagem, da disponibilidade de uma ampliada biblioteca lógica e dos insinuantes problemas teológicos, convém ter presente que a prática lectiva escolástica, assente na leitura e interpretação de textos, se prolongava pela prática disputacional, momento dialéctico de confronto de posições e de aprofundamento e fundamentação de soluções próprias para os mais tradicionais ou mais inesperados problemas. A partir de uma certa altura o ensino da lógica nas Faculdades de Artes orienta-se precisamente para a aquisição e o treino do domínio das técnicas argumentativas ou contra-argumentativas e de exercícios práticos de discussão que estão na origem de certas formas literárias novas onde são discutidos paradoxos e ambiguidades proposicionais: *sophismata*, *insolubilia*, *impossibilia*, *obligationes*. É este novo conjunto de problemas, de modos de os discutir e de textos centrados na exposição das propriedades dos termos, que passam a ser designados como *logica modernorum* e de que são exemplos os textos também editados por L. M. de Rijk, os quais após uma parte dedicada à lógica dos antigos expõem algo sobre a lógica dos termos ⁽²⁾. Desconhece-se o nome dos autores de quase todos estes textos e por isso são designados ou pelas suas primeiras palavras ou pelo local onde hoje está o manuscrito: *Introductiones*

(1) Para um conspecto geral do ensino da lógica na Idade Média ver o cap. 5 da obra de Alfonso Maierù, *University Training in Medieval Europe*, trad. D. N. Pryds, E. J. Brill, Leiden-New York-Köln, 1994, pp. 117-141.

(2) L. M. de Rijk, «The Origins of the Theory of the Property of Terms», in N. Kretzmann *et al.* (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, *op. cit.*, pp. 161-173.

parisienses, *Logica "Ut dicit"*, *Logica "Cum sit nostra"*, *Dialectica Monacensis*, *Tractatus de proprietatibus sermonum* ⁽¹⁾, e muitos outros pequenos tratados como as *Summulae antiquorum* de que se falará mais à frente. Estas obras de finalidade introdutiva sumariam e compendiam as "duas lógicas", sob uma forma literária particular: a súpula. É delas e não dos textos aristotélico-boecianos que dependem, muitas vezes literalmente, os *Tratados* de Pedro Hispano, que por sua vez se transformariam na matriz textual e no padrão de autoridade em matéria lógica de todo o período escolástico, ao ponto de substituírem nos programas universitários algumas das obras de Aristóteles e Boécio referidas.

As duas obras lógicas de Pedro Hispano, os *Tractatus* e os *Syncategoreumata*, cujo aparecimento corresponde a desenvolvimentos no âmbito do ensino da lógica, testemunham e sistematizam os dois âmbitos, proposicional e terminístico, que caracterizam a lógica medieval. Como o carácter histórico da lógica de Pedro é mais evidente se a olharmos tal como foi exposta e menos se a abordarmos isolando uma ou outra teoria particular, optou-se por descascar a superfície das duas obras em vez de dispor algumas fatias temáticas que fariam perder de vista as obras como um todo. Assim, na Parte I seguiremos descritivamente cada uma das obras e suas partes, sublinhando as doutrinas lógicas mais relevantes. Na Parte II far-se-á uma abordagem necessariamente breve da história das obras lógicas de Pedro, sobre as quais persistem inúmeras interrogações quanto ao contexto e datas de composição, o que não impediu que durante séculos o *Tractatus* fosse o mais adoptado manual escolar para o ensino da lógica, tendo dado origem a centenas de comentários, em todas as escolas continentais e com as mais díspares orientações filosóficas e teológicas.

I. A lógica dos *Tractatus* e dos *Syncategoreumata*

Para Pedro Hispano a lógica, mais propriamente a dialéctica, é uma arte propedêutica à aquisição das ciências e orientada para a disputa:

«A dialéctica é a arte que tem a via para os princípios de todos os métodos. Por essa razão deve ser a primeira na aquisição das ciências ⁽²⁾.

«Chama-se *dialectica* de *dia*, que é dois e *logos*, que é discurso, ou de *lexis*, que é razão, quase *discurso* ou *razão de dois*, a saber do que se opõe e do que responde

⁽¹⁾ Estes textos estão editados e estudados, juntamente com outros em L. M. de Rijk, *Logica modernorum. A Contribution to the History of Early Terminist Logic*, Vol. I, *On the Twelfth Century Theories of Fallacy*; Vol. II, 1-2, *The Origin and Early Development of the Theory of Supposition*, Van Gorcum, Assen, 1962-1967.

⁽²⁾ As palavras iniciais do *Tractatus* são mais conhecidas numa redacção interpolada: «A dialéctica é a arte *das artes*, a *ciência das ciências*, que tem a via para os princípios de todos

numa disputa. Mas, porque não pode haver disputa sem linguagem, nem linguagem sem voz, e como toda a voz é som, devemos começar pelo som enquanto a priori.» (Tr. I 1, p. 1, 1-7)

Enquanto ciência da linguagem a aprendizagem e o domínio da dialéctica deve ser anterior à aquisição ou estudo das ciências. Para Pedro, como o ilustra a fantasiosa etimologia, a *dialectica* é justificada como arte da disputa, o fulcral exercício escolar no ensino medieval. Identificado o fim prático desta arte da linguagem, o manual começa por definir os seus segmentos conceptuais de base, para depois estabelecer os elementos necessários à condução da disputa. O modo como são constituídas algumas das mais extensas secções dos *Tratados* denuncia este interesse pelo exercício didáctico da disputa entre dois oponentes, que é o «acto silogístico de um contra outro com o propósito de demonstrar» (Tr. VII 1, p. 89, 5-6), a qual pode revestir quatro formas cuidadosamente definidas e subdivididas (Tr. VII 4-21). A sistematização de toda uma metodologia da disputa como instrumento racional é bem exemplificada pela análise pormenorizada dos treze tipos de falácias que permitem compreender o “saber aparente” que é fim dos sofistas, enquanto o saber dos dialécticos, cujo fim é a “opinião”, é adquirido nos argumentos tópicos dialécticos (Tr. VII, 21-22). A mesma preocupação com a arte de determinar as regras da discussão transparece nos *Sincategoremas* cujo tratado final oferece uma teoria do responder no contexto da disputa, que, como o mestre relembra, é necessário dominar para enfrentar aquele que questiona (*Sync.* X, pp. 425-433). Convém notar que Pedro Hispano fala sempre em “dialéctica” e não em “lógica” (no Tr. I 4-5 “dialéctico” parece contrapor-se a “gramático” e em VII 110 opõe-se a “demonstrador”). Nas duas obras apenas uma única vez é usado o termo *logica*, para distinguir entre “falar segundo a natureza” e “falar segundo a lógica” (*logice loquendo, non naturaliter*) e entre a “via lógica” e a “via da natureza” (*secundum viam logice, non nature*), Pedro quer assim sublinhar que para a resolução de um determinado problema sobre a *suppositio* o seu ponto de vista é lógico e não o de uma ciência particular, prescindindo portanto da referência ao real (Tr. VI 12, p. 86, 22-23 e pp. 87, 21-88, 4). A dialéctica é uma arte, um saber propedêutico pronto-a-usar dissociado de qualquer ciência particular, que permite reconhecer as modalidades da disputa e fornece a equipagem para a resolução de problemas decorrentes do uso de argumentos e termos e que colhe toda a sua pertinência de uma intersecção entre a recepção da tradição lógica, a prática pedagógica, a interpretação de textos e a disputa de escola. Mesmo os múltiplos exemplos particulares fornecidos pelo autor

os métodos; *de facto só a dialéctica disputa de modo provável sobre os princípios de todas as artes.*» As expressões em itálico não existem na versão mais antiga do texto (cfr. o aparato crítico das linhas citadas) e retomam quase textualmente a definição da lógica em Agostinho, *De dialectica*, II 13, 18.

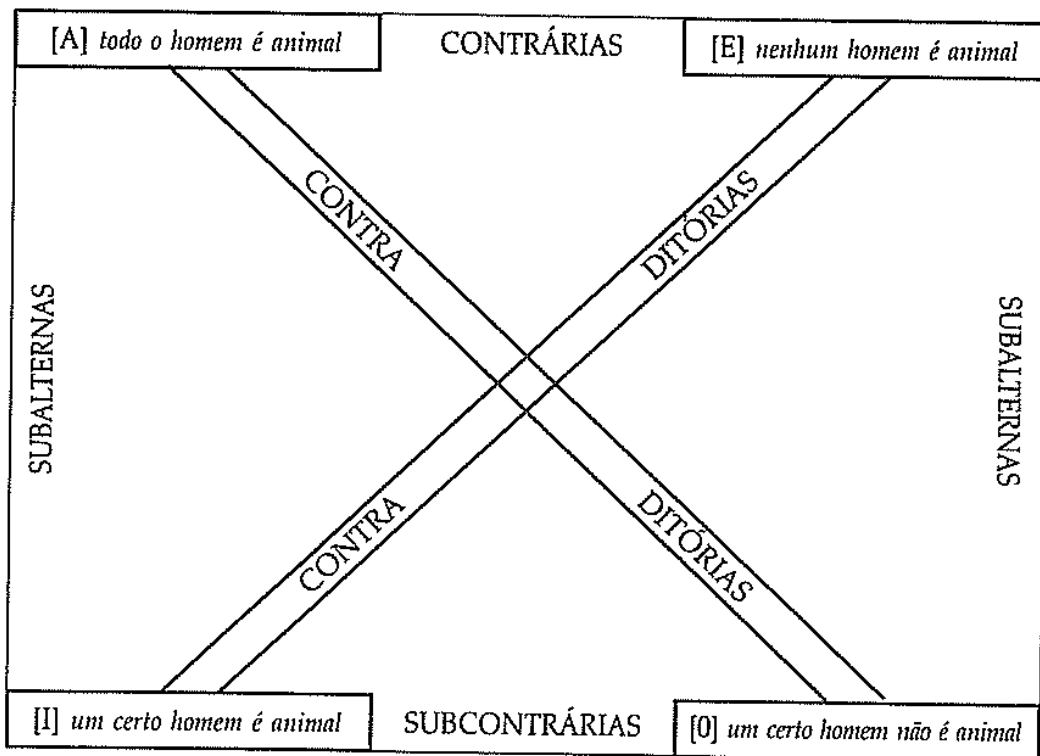
evitam penetrar em ciências particulares, como por exemplo a física ou a teologia, apesar de alguns dos seus problemas terem estado de facto na origem da reformulação da lógica aristotélica. Esta orientação explica, de certo modo, quer a exclusão da poética e da retórica do campo da lógica quer a ausência da discussão do método demonstrativo, próprio das ciências particulares (apenas definidos em algumas linhas no tratado sobre as falácias, VII 5 e 12, parágrafo que um glosador se sentiu na obrigação de completar, cfr. aparato p. 93), proposto por Aristóteles nos *Segundos Analíticos* que tinham ainda uma muito limitada difusão para Pedro os conseguir resumir na sua *Súmula*. A cuidadosa eliminação de qualquer posição doutrinal garantiu ao *Tractatus* uma difusão sem precedentes, mas retirou-lhe toda a carga crítica e construtiva que a lógica tem em outros autores, como por exemplo em Guilherme de Ockham.

Tendo bem presente esta orientação propedêutica e formativa, os *Tractatus* propõem uma síntese da *logica antiquorum (vetus e nova)* e da *logica modernorum* sob a fórmula literária da *súmula*, onde se compendia uma parte substancial do *corpus* lógico. Mas, seguindo uma certa sequência disciplinar e de progressão da aprendizagem os *Tractatus* instituem uma ordem "natural" do saber lógico, num estilo didáctico que desdobra cada tema em classificações arborescentes, com as respectivas definições, sempre ilustradas através de esquemas, exemplos e fórmulas mnemotécnicas, estruturando regras e cedendo ainda um bom espaço para a discussão de problemas, de questões e de dúvidas segundo as técnicas escolásticas correntes. A *súmula* de Pedro é sobretudo um ponto de confluência de teorias e ideias bastante difundidas no seu tempo, sem que haja propriamente uma ampliação criativa das teorias lógicas discutidas. Cada tratado é apresentado como parte ou dimensão da dialéctica, sem qualquer tentativa de explorar as mútuas relações, tal como são apenas sugeridas as relações das teorias particulares com problemas específicos das diferentes ciências. Em nenhum ponto transparece a intenção de superar a lógica aristotélica e nem é certo que o autor tenha consciência da novidade da lógica dos termos. Convém ter presente que a reelaboração sumulista do *corpus* textual da lógica e a anexação das teorias semânticas das propriedades dos termos poucas vezes é feita com base nos textos originais, havendo sobretudo uma reutilização de textos intermediários de origem escolar que o autor retoma, muitas vezes literalmente (1).

(1) J. Mullally na apresentação dos *Tratados I-VI* (ed. cit., pp. xxi-xxxviii) indica as principais fontes de Pedro. L. M. de Rijk na introdução à sua edição do *Tractatus* (op. cit., pp. LXXXVIII-XCV) apresenta um panorama das fontes usadas ou reelaboradas pelo autor, corrigindo algumas das conclusões de Mullally, mas sobretudo defendendo que Pedro não utiliza directamente os textos de Aristóteles, Porfírio ou Boécio, que serão recebidos por intermédio de textos lógico-gramaticias do século XII. No que se segue usam-se as conclusões dos dois estudiosos no que diz respeito às fontes de Pedro.

1. Lógica dos antigos

O primeiro tratado do *Tractatus (De introductionibus)* oferece a explicação dos elementos constitutivos do discurso articulado ou significativo (som, voz, nome, verbo, oração) para se fixar na «proposição» que é a «oração que significa o verdadeiro ou o falso, como "o homem corre"» (*Tr.* I 7, p. 3, 23-24). As proposições podem ser de atribuição de um predicado a um sujeito, chamadas *de inesse*, onde se incluem as categóricas ou hipotéticas, mas também podem ser modais (*Tr.* I 22). As proposições categóricas, que podem ser universais ("todo o homem corre"), particulares ("algum homem corre"), indefinidas ("o homem corre") e singulares ("Sócrates corre"), qualquer uma das quais pode ainda ser afirmativa ou negativa, possuem em comum os dois termos, sujeito e predicado, na mesma ordem e são de quatro tipos que o autor organiza num esquema em que cada uma ocupa o vértice de um quadrilátero. Assim dispostas, as proposições categóricas deixam antever os modos como se relacionam entre si: como contrárias (as dos vértices do lado superior), subcontrárias (as do lado inferior), subalternas (as dos lados esquerdo e direito) e contraditórias (as das diagonais), por exemplo: "todo o homem é animal" é contraditória de "um certo homem não é animal". O esquema é bem conhecido, mas identificou-se cada proposição com a letra que Pedro lhes atribui apenas no tratado sobre o silogismo:

Fig. 1: As proposições categóricas (*Tractatus*, I 12)

Seguem-se quatro leis sobre as equivalências de sentido (*equipollentia*) da matéria das proposições, indispensáveis para determinar a verdade ou falsidade de cada proposição a partir da sua oposta. São ainda explicados os três modos de possível conversão da ordem de ambos os termos da proposição, que permite deduzir uma proposição por transposição dos seus termos. As proposições hipotéticas são de tipo diferente, hoje chamar-lhes-íamos moleculares por serem compostas de duas proposições categóricas. Podem ser condicionais ("se o homem corre, o homem move-se"), copulativas ("o homem é animal e Deus é"), ou disjuntivas (Sócrates corre ou Platão disputa). Também se definem as condições em que podem ser verdadeiras ou falsas, seguidas das respectivas regras de equipolência. Por fim são explicadas as proposições modais, que de facto são uma variante das categóricas em que «o verbo deve ser sujeito e o modo predicado» (Tr. I 22), e que são determinadas por um dos seis modos adverbiais: "necessariamente", "contingentemente", "possivelmente", "impossivelmente", "verdadeiramente", "falsamente" ou pelo caso nominativo correspondente, como em "é possível que Sócrates corra" ou "é impossível que Sócrates corra" (Tr. I 21). Também as modais têm as suas regras de equipolência reorganizadas em quatro grupos de versos mnemónicos. O tratado termina com um esquema onde se retomam os quatro grupos de versos em mais um quadrado lógico com a oposição das modais. A doutrina de Pedro sobre a proposição encontra elementos complementares no tratado sobre o silogismo. A principal fonte medieval para as definições, as proposições categóricas e hipotéticas, é a obra de Boécio *Sobre os silogismos categóricos*, parte I, com a respectiva *Introdução*, e não directamente o *Acerca da interpretação* de Aristóteles. Já a apresentação das proposições modais colhe elementos de uma passagem do comentário de Boécio sobre o *Perihermeneias*. Mas, em ambos os casos, e tal como acontece nos restantes tratados, as sùmulas de lógica do século XII e da primeira metade do século XIII parecem ser a fonte directa de Pedro.

Os Tratados II e III contêm as páginas mais directamente relacionadas com problemas ontológicos e as conhecidas ramificações para o problema dos universais, que não é tratado directamente, mas que podemos encontrar insinuado aqui e ali, sobretudo envolvido em temas como a "árvore de Porfírio" e na introdução da exposição das categorias. Nos Tratados II e III Pedro retoma questões tratadas por Porfírio na *Isagoge* (Tr. II: *De predicabilibus*, os predicáveis) e por Aristóteles nas *Categorias* (Tr. III: *De predicamentis*, as categorias). Em sentido próprio o predicável é apenas «o que pode ser predicado de muitos», em sentido geral o predicável é «o que pode ser predicado de um ou de muitos». Daí que no seu sentido próprio o predicável e o universal são o mesmo, diferindo apenas por o predicável se definir por "ser dito" e o universal pelo "ser": «o predicável é o que é naturalmente apto a ser dito de (*dici de*) muitos; o universal é o que é naturalmente apto a ser

em (*esse in*) muitos. O predicável ou universal divide-se em: género, diferença, espécie, próprio e acidente» (*Tr.* II 1). Sublinhe-se a clareza da aproximação entre predicável e universal e que a distinção entre "ser dito de" e "ser em" terá também um lugar determinante na teoria das categorias. Este tratado é a explicação de cada um dos cinco aspectos isoladamente, reordenando a estrutura da *Isagoge* de Porfírio ao tratar junto a cada predicável as semelhanças e diferenças com os restantes. O modos gerais e subalternos do género e da espécie são exemplificados pela divisão da categoria da substância, esquematizado pela chamada «árvore de Porfírio» (ver fig. 2). A substância é o género generalíssimo porque não tem qualquer género superveniente, assim como o indivíduo é o que não tem outras subdivisões subalternas. Todos os outros estratos podem ser simultaneamente género face às divisões inferiores e espécie face ao género antecedente. Por exemplo: nessa divisão arborescente "animal racional" é espécie de "animal" e é género de "homem", que é espécie especialíssima de "Sócrates", porque sob ela nenhuma outra existe. Como disse A. de Libera, «é na análise deste mecanismo de engendramento das espécies pelo jogo da diferença constitutiva-divisiva que Porfírio introduz o essencial da conceptualidade neoplatónica», de engendramento da multiplicidade por divisão e da reconstituição da unidade por regresso ou redução. A estratégia divisiva da categoria da substância é descrita num vocabulário que «evoca as ideias de processão e de regresso assim como o princípio de redução ao Uno, típicas do neopla-

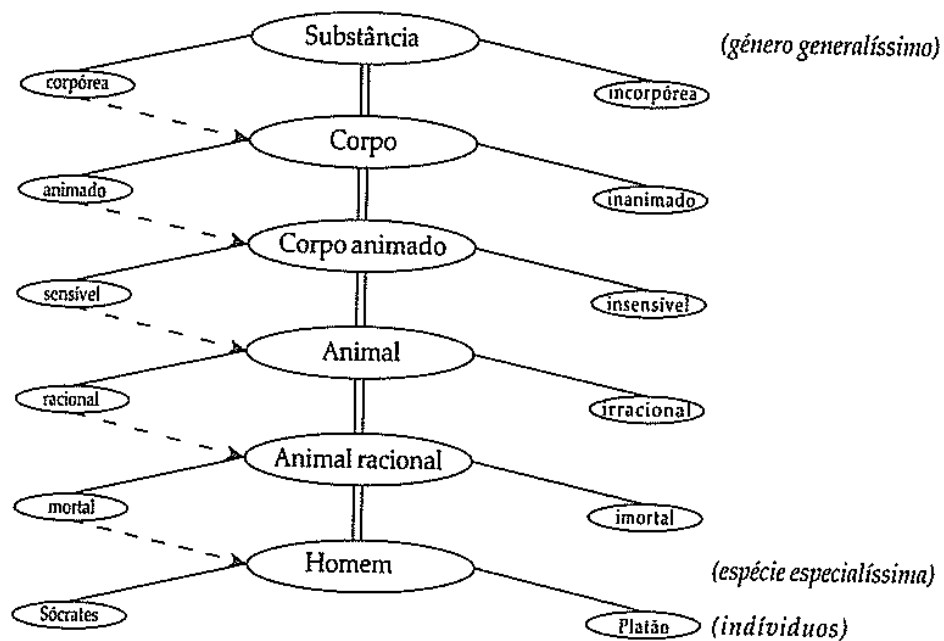


Fig. 2: Árvore de Porfírio (*Tractatus*, II 11)

tonismo», ao mesmo tempo que oferece «uma representação hierárquica dos seres, permitindo estruturar cada uma das dez categorias que Aristóteles distingue» (1). Uma vez que a esquematização medieval retoma sobretudo a reelaboração boeciana, a figura no *Tractatus* inclui também as diferenças divisivas (lado direito dos ramos da "árvore"), que Porfírio ignorara.

Para além de introduzirem as categorias, os cinco predicáveis são também centrais na teoria da definição, que, para Aristóteles, é «a oração que significa o ser» (cit. em *Tr.* II 14) e portanto deve ter por base a substância. A diferença específica é central na definição: «a diferença é o que é predicado de muitos, que diferem pela espécie naquilo que é o como (*quale*)», uma vez que perante a questão "como é o homem?" respondemos apropriadamente "racional", pois "racional" é predicado do homem relativamente ao como. A própria diferença pode ser divisiva (do género) e constitutiva (da espécie), porque toda a diferença relativa a um género constitui a espécie (por exemplo as espécies "racional" e "irracional" são diferenças do género "animal"), daí chamar-se-lhes «diferença constitutiva ou específica». Ora, a definição faz-se com base no género e nas diferenças, mas, como apenas a espécie tem género e diferenças, «apenas a espécie é definível» (2) substancialmente (*Tr.* II, 12-13), porque nem o próprio nem o acidente dizem o que é o ser de algo.

A inclusão de um tratado sobre as categorias (*De praedicamentis*, *Tr.* III) numa súpula de lógica parece ser uma originalidade de Pedro Hispano, que não encontramos nas outras grandes obras do género. Esta exposição das dez categorias aristotélicas retoma sobretudo o respectivo comentário de Boécio (*In categorias Aristotelis libri quatuor*), mas também o *Liber de sex principiis*, de onde é copiada quase literalmente a brevíssima apresentação de "acção" e "paixão", e a *Física* IV, 3 de Aristóteles onde é colhida a discussão dos "oito modos de ser em". Após diversas considerações prévias, algumas das quais repetem o final do tratado anterior, segue-se a explicação de cada uma das categorias e suas propriedades ou aspectos gerais: substância (*substantia*), quantidade (*quantitas*), relação (*ad aliquid, relatio*), qualidade (*qualitas*), acção (*actio*), paixão (*passio*), antes (*prius*), idêntico (*simul*), movimento (*motus*), ter (*habere*). Antes, as categorias haviam sido classificadas de modo algo diferente e definidas como "géneros generalíssimos": «O género generalíssimo é aquele acima do qual não há outro género superveniente, como a substância. Ou ainda: o género generalíssimo é o que sendo género não pode ser espécie. E divide-se em dez: substância, quantidade, relação, qualidade, acção, paixão, posição, quando, onde, hábito. Embora o "ente" se diga daqueles dez, contudo diz-se equivocadamente [i. e. por homonímia] ou ambiguamente e por isso não

(1) Alain de Libera, *La querelle des universaux. De Platon à la fin du Moyen Age* (Des travaux), Ed. du Seuil, Paris, 1996, p. 44.

(2) Afirmação retomada de Boécio, *De divisionibus*, *Patrologia Latina*, vol. 64, col. 886A.

é um género (1). Sobre estes dez nada diremos agora, mas serão determinados nas *Categorias*.» (Tr. II 7) É sobretudo no contexto da apresentação das categorias que Pedro toca alguns aspectos que interessam ao problema lógico, ontológico e gnosiológico dos universais. Nas primeiras secções do tratado sobre as categorias sintetiza algumas distinções apresentadas no início da obra homónima de Aristóteles. Em primeiro lugar entre os três modos de predicação (*Cat.* cap. 1, 1a1-15): por homonímia (*equivoca*), por sinonímia (*univoca*) e por paronímia (*denominativa*). A seguir a distinção entre expressões sem combinação, como "homem", e com combinação, como "o homem corre" (cfr. *Cat.* cap. 2). Mas, antes de entrar nas coisas ditas sem combinação, onde cabem propriamente as categorias, Pedro convoca a classificação aristotélica dos oito modos de "ser em" (*esse in*) que encontra na *Física* IV 3, 210a 14-24. Ainda das *Categorias* cap. 2, provém a já referida distinção entre "ser no sujeito", *esse in subiecto*, que descreve a *inerência* dos acidentes no sujeito, e de "ser dito de um sujeito", *dici de subiecto*, que remetem para *predicação*, cujos quatro modos descrevem a relação entre o nome e a coisa (Tr. III 3) (2). A. de Libera sublinhou que durante a Idade Média a *inerência* e a *predicação*, enxertadas em outros problemas e terminologias de raiz platónica, estão na raiz das controvérsias ontológicas sobre os universais. O realismo moderado de Pedro leva-o a admitir a realidade quer do universal quer do particular, fora dos quais não há qualquer outra realidade (Tr. VI 2, p. 79, 12-14). A *predicação* do sujeito surge como fundamento da inferência lógica, porque «quando algo se predica de algo como sujeito, tudo o que é dito do que é predicado, é também dito do sujeito, como "Sócrates é homem" e "homem é animal", logo "Sócrates é animal" (Tr. III 4; cfr. Arist., *Cat.* cap. 4). O restante do Tratado III não é senão a definição, enumeração e exemplificação das várias acepções de cada categoria (Tr. III 5-33). Naturalmente o que aqui se encontra fornece elementos que serão usados na teoria do silogismo.

A lógica dedutiva é o tema do tratado sobre o silogismo, raciocínio onde as premissas fornecem razões para a conclusão, que delas deriva logicamente. No Tratado IV (*De sillogismis*) Pedro ocupa-se em particular dos silogismos categóricos. Como habitualmente, a definição do tema é preposta: «o silogismo é uma oração na qual, afirmadas certas coisas, é necessário que outra decorra das que foram afirmadas» (Tr. IV, 2), ou seja de duas premissas decorre necessariamente uma conclusão, como no silogismo em que todas as proposições são universais afirmativas:

(1) Ver também Tr. II 20: «o ente não pode ser género porque, embora segundo o nome seja predicado de todas as coisas, todavia não o é segundo uma mesma razão. De facto, a razão do ente, segundo é dito sobre a substância, é o ente *por si*; mas, segundo é dito das outras nove categorias, é ente *em outro*. E, assim, é predicado segundo diversas razões. Por isso, não é predicado univocamente, mas antes equívoca e ambiguamente».

(2) Cfr. A. de Libera, *La querelle des universaux...*, op. cit., pp. 64-65 e as respectivas entradas no glossário final, p. 498.

todo o animal é substância
todo o homem é animal
portanto todo o homem é substância

Pedro Hispano retoma os elementos da doutrina aristotélica do silogismo. O silogismo categórico é sempre composto por três termos (p. ex.: substância, animal, homem), duas premissas (as duas primeiras afirmações, uma das quais é a maior e outra a menor) e uma conclusão. Mas, com três termos apenas é possível fazer três proposições se um deles se repetir, assim o termo "maior" é o predicado da conclusão e também está na premissa maior (*substância* no exemplo anterior), o termo "menor" é o sujeito na conclusão (cfr. *homem*), o termo "médio" aparece nas premissas mas não está na conclusão (cfr. *animal*). Estes elementos permitem classificar as três *figuras* do silogismo, determinadas pelo lugar que o termo médio ocupa: sujeito na maior e predicado na menor (primeira figura), predicado em ambas (segunda figura), ou sujeito em ambas (terceira figura), pelo que no exemplo anterior temos um silogismo da primeira figura. Pedro não trata os silogismos da quarta figura: predicado na maior e sujeito na menor. O *modo* é a ordenação das duas proposições segundo a qualidade e a quantidade. Propõem-se, então, 6 regras universais que se aplicam a todas as figuras do silogismo. O núcleo central deste tratado oferece uma descritiva exemplificação dos dezanove modos das três figuras. A primeira figura tem nove modos, precedidos de duas regras; a segunda figura tem quatro modos precedidos de duas regras; também aos seis modos da terceira figura são antepostas duas regras; nos dois últimos grupos indica-se sempre a que modo da primeira figura se pode reduzir o silogismo. Uma das passagens mais célebres e glosadas do *Tractatus* é a sistematização deste estudo dos silogismos categóricos através de uma mnemónica dos dezanove modos das três figuras do silogismo, que é simultaneamente um esquema para recordar como reduzir os modos ilegítimos do silogismo categórico aos quatro modos legítimos, em que a conclusão decorre das premissas, que são os primeiros quatro da primeira figura (*Tr.* IV 13, pp. 51-52) ⁽¹⁾. Os quatro versos são compostos precisamente de dezanove palavras artificiais, cada uma das quais corresponde a um modo:

(¹) A elaboração de mnemónicas não é uma novidade na lógica medieval, de que se encontram alguns ensaios em pequenos tratados de lógica desde finais do século XII, cfr. L. M. de Rijk, *Logica modernorum, op. cit.*, Vol. II 1, pp. 401-403. Ao longo do *Tractatus* há outras mnemónicas, embora menos célebres (cfr. I 10, p. 5, 15-18; I 24, pp. 14, 12-21, etc.). Os mesmos versos do *Tractatus* encontram-se nas *Introductiones in logicam* de Guilherme de Shyreswood (idem, p. 401), onde se explicam as mnemónicas de um modo mais completo que o oferecido por Pedro Hispano. Como nenhuma destas obras depende da outra, os versos ou devem ter origem num texto ainda não identificado ou são colhidos da sua difusão oral no âmbito dos cursos de lógica.

[primeira figura] BARBARA CELARENT DARI FERIO BARALIPTON
 CELANTES DABITIS FAPESMO FRISESOMORUM

[segunda figura] CESARE CAMBESTRES FESTINO BAROCHO

[terceira figura] DARAPTI

FELAPTO DISAMIS DATISI BOCARDO FERISON

Nestes versos as vogais exprimem o género das proposições, a saber a sua qualidade e quantidade: A (universal afirmativa), E (particular afirmativa), I (universal negativa), O (particular negativa) ⁽¹⁾. Por sua vez, as consoantes B, C, D e F indicam a maneira de reduzir as proposições às formas mais simples da primeira figura. As restantes consoantes são destituídas de significado. Cada vogal indica, por ordem, uma proposição do silogismo. Assim, BARBARA recorda o silogismo em que todas as proposições são universais afirmativas, FERISON indica um silogismo em particular afirmativa, universal negativa e particular negativa. A consoante com que cada palavra se inicia indica um dos quatro primeiros modos da primeira figura, os únicos perfeitos, a que devem reduzir-se todos os outros para provar a validade do seu modo correspondente. Assim, as iniciadas com B devem reduzir-se ao primeiro modo da primeira figura, com C ao segundo, com D ao terceiro e com F ao quarto. As consoantes no interior das palavras têm também um significado regulador: S indica que a proposição simbolizada pela vogal imediatamente anterior deve ser convertida simplesmente, P indica que a proposição deve ser convertida por acidente; M, colocada entre as duas primeiras vogais, indica que deve ocorrer uma permuta das premissas (ou seja fazer da maior menor e vice-versa); C significa que o modo indicado por aquela expressão deve ser provado pelo absurdo. O tratado termina com uma breve síntese sobre as combinações úteis de premissas, retirada dos *Analíticos primeiros* I, 4 de Aristóteles.

Esta esquematização resume a doutrina do silogismo categórico dos *Analíticos primeiros*, tal como se encontra em *De syllogismis cathegoricis* II de Boécio, embora omita o sétimo modo da terceira figura que aí se encontra ⁽²⁾. Ao contrário do habitual em obras similares, Pedro transferiu a exposição de algumas definições (*v. g.*: argumento, argumentação, indução, entimema, exemplo) para o início do tratado seguinte.

Nos Tratados I-IV encontramos os elementos básicos da lógica clássica, nos Tratados V e VII, são discutidos juízos e argumentos particulares e problemáticos, cuja validade não depende apenas da sua forma, como no silogismo, mas também da sua sintaxe e do seu conteúdo semântico e que por isso têm que ser analisados de forma própria.

⁽¹⁾ Ver exemplos na Fig. 1.

⁽²⁾ Mullally, *The Summulæ...*, ed. cit., p. xxxiii. Também aqui tudo indica que Pedro trabalhou com base em textos intermediários; cfr. *Tr.*, introd., p. xcii.

A teoria da argumentação é apresentada no tratado sobre os *Tópicos* (*De locis*, Tr. V), também ele em grande parte extraído, embora indirectamente, dos Livros I e II do *De differentiis topicis* de Boécio, com algum recurso aos próprios *Tópicos* de Aristóteles e a transferência de alguns temas e definições para outras partes da obra. O tratado abre com um conjunto de seis definições de *ratio* (razão), a última das quais interessa directamente à teoria da argumentação: «razão é o meio que infere a conclusão» (Tr. V 1, p. 55), porque o «argumento é a razão que certifica (*faciens fidem*) da coisa dúbia, ou seja, é o meio que prova a conclusão», mas como o que suscita prova é, antes, dubitável, o argumento é suscitado por uma questão ou «proposição dubitável»; por sua vez a «argumentação é uma oração (*oratio*) completa composta de premissas e conclusão e nela se manifesta a força do argumento» (Tr. V 2). Nesta esquemática introdução às dificuldades da argumentação (cujas quatro espécies são o silogismo, a indução, o entimema e o exemplo) ecoa a oposição entre o que pergunta e o que responde numa disputa dialéctica, cada um dos quais necessita dominar os fundamentos dos argumentos que use. Cada argumento é confirmado por um *lugar*, termo que traduz o grego *topos*, ou seja, uma regra que permite garantir a validade de certas conclusões de acordo com os termos que estão presentes nas premissas. De facto, o *locus* ou lugar «é a base de um argumento, ou aquilo de onde é retirado o argumento conveniente para uma questão dada» (Tr. V 4). Para conhecer o *lugar* ou *topos* de cada argumento, Pedro Hispano percorre as múltiplas ramificações dos *lugares* boecianos, que partem da distinção geral dos *lugares* em “máxima”, ou verdade geral evidente por si, como «o todo é maior que a sua parte», e “diferença da máxima”, ou princípios que diferem pelos termos que os compõem, como em «de tudo o que se predique a definição, também [se predica] o definido» e «de tudo o que se predique a espécie, também [se predica] o género». Como é compreensível, apenas os *lugares* por “diferença da máxima” se subdividem. Cada *lugar* é inserido na classificação geral, definido, exemplificado e ilustrado com um ou mais exemplos, cuja validade depende das máximas ou regras respectivas. Pedro, mais do que fornecer uma arte de invenção de argumentos ou dos respectivos fundamentos, fornece um catálogo de regras para construir argumentos. Uma breve passagem (Tr. V 26; cfr. VII 149) permite-nos ter presente a distinção entre “lugar dialéctico”, que fornece um fundamento legítimo para o argumento e “lugar sofístico”, que fornece uma fundamentação sofística ao argumento (tipo que será discutido no Tratado VII). Um esquema bastará para constatar a sistematicidade da doutrina boeciana dos *lugares* da arte da disputa dialéctica, ela própria colhida em Temístio. São os seguintes os lugares argumentativos apresentados por Pedro:

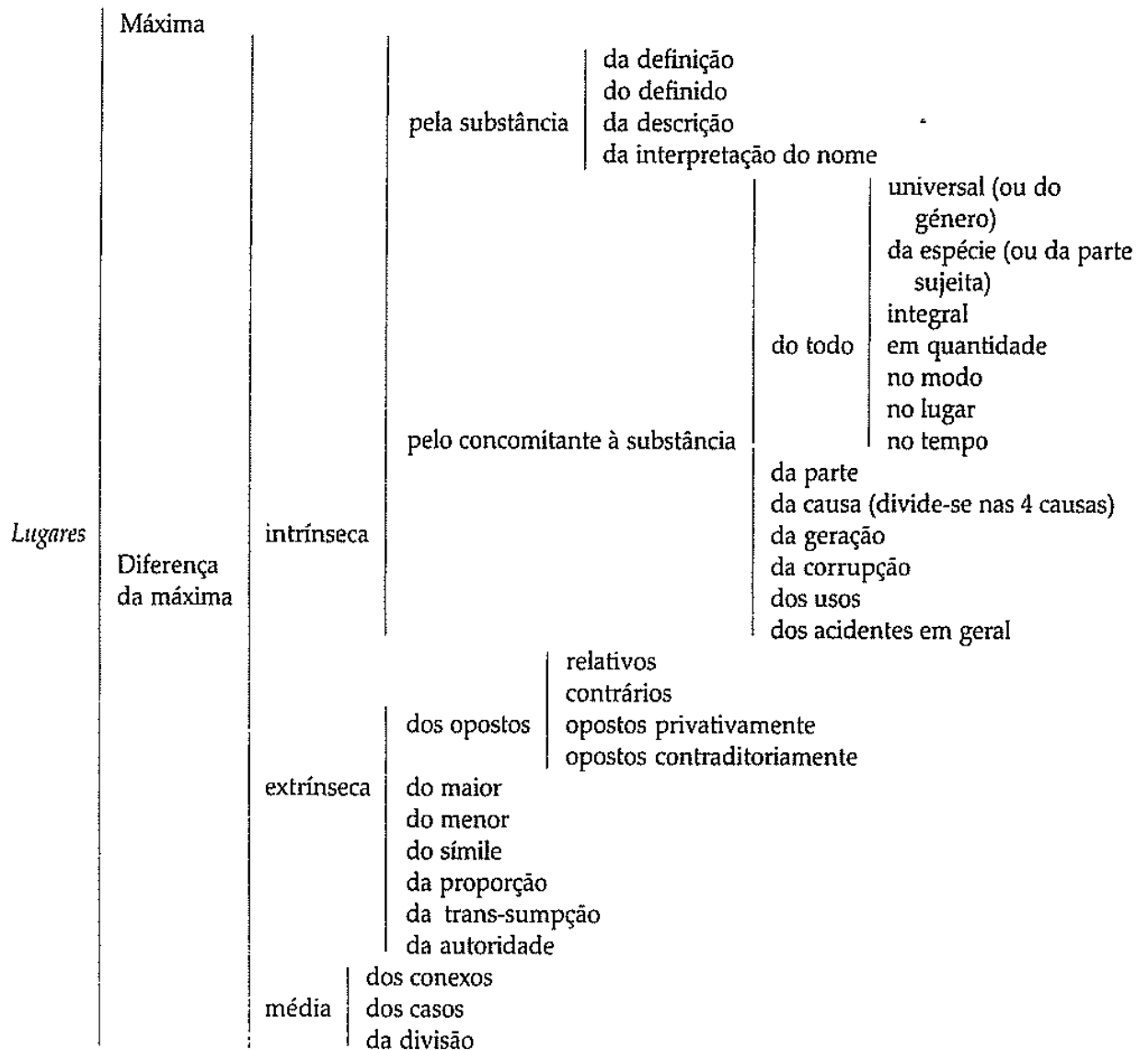


Fig. 3: Esquema dos tópicos ou lugares (*Tractatus V*, 4-40)

Todos os trinta *lugares* esquematizados por Pedro são entimemas, ou seja, silogismos incompletos aos quais falta uma proposição e de onde se infere uma conclusão de modo apressado (*Tr. V* 3). Em qualquer caso o entimema pode e deve ser reconduzido a um silogismo perfeito, cuja conclusão é legítima porque se funda numa máxima que substitui a premissa ausente. Vejamos alguns exemplos. O *lugar* "por definição" fundamenta o entimema «o animal racional mortal corre, portanto o homem corre», porque como diz a máxima correspondente: «o que quer que seja predicado de uma definição, também [o é] do definido» (*Tr. V* 7), assim a definição de "homem" fornece a premissa que completa o silogismo. Em «o astrónomo diz que o céu é móvel; portanto, o céu é móvel», temos o *lugar* "por autoridade", entendido como juízo do especialista numa ciência, cuja máxima é: «deve acreditar-se naquele que é especialista na sua ciência» (*Tr. V* 36). As máximas, muitas das

quais parecem contrariar a intuição natural, de que são propostas várias dezenas e por vezes mais do que uma para um mesmo *locus*, fornecem o fundamento da inferência implícita no entimema sob uma certa relação entre os termos ⁽¹⁾. A função dos lugares ou tópicos é, portanto e antes de tudo, tornar evidente a validade dos entimemas legítimos, e são particularmente úteis na arte da disputa; é sobretudo a este título que são apresentados por Pedro, porque permitem fundamentar uma conclusão ou destruir a do adversário. Ao longo do século XIII há um interesse intenso pelos argumentos tópicos, que está na origem da lógica da consequência, um dos capítulos mais inovadores da lógica medieval. Pedro não apresenta ainda um tratado das consequências, mas a lógica da inferência está de facto presente ao longo das duas obras (cfr. *Tr.* VII 150-163; *Sync.* V).

O tratado sobre as falácias (*Tr.* VII: *De fallaciis*) ⁽²⁾ é uma paráfrase dos seis primeiros livros das *Refutações sofisticas* de Aristóteles, re-sistematizados segundo a divisão das falácias que se encontra no comentário de Alexandre de Afrodísias sobre a mesma obra, várias vezes citado ⁽³⁾. O interesse pela disputa reaparece na apresentação das falácias, colocadas sob o seu signo, pois a "disputa" é definida como o «acto silogístico de um face a outro com o propósito de demonstrar» (*Tr.* VII 1). O silogismo é o instrumento completo, perfeito e próprio da disputa, enquanto

(1) Para um estudo aprofundado do método usado por Pedro para expor a doutrina boeciana dos tópicos, confinado a um método de transformar entimemas em silogismos, ver E. Stump, «Peter of Spain on the Topics», in eadem, *Boethius "De topicis differentis"*, Cornell University Press, Ithaca-London, 1978, pp. 215-236: «o principal interesse de Pedro está em explicar e justificar a validade de óbvias e facilmente constatáveis inferências que são entimemas», p. 235; cfr. eadem, «Topics: their Development and Absorption into Consequences», in Norman Kretzmann et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, op cit., pp. 273-299.

(2) Nas versões mais antigas as falácias (*Tr.* VII) surgem de facto após o tratado sobre a suposição (*Tr.* VI), mas, por vantagens de exposição, inverte-se aqui esta ordem. A ordenação "incomum" proposta por Pedro, inserindo um tratado da "lógica antiga" entre dois tratados da "lógica moderna", é corrigida na quase totalidade dos manuscritos que recolocam o tratado sobre a suposição depois do das falácias, juntando-o assim aos restantes sobre as propriedades dos termos. A ordem original dos tratados compreende-se pelo facto de a teoria da suposição ter a sua origem histórica na análise das falácias *in dictione*, oferecendo como que um fundamento para a resolução de certos sofismas pela compreensão da extensão semântica da referência de certos termos na proposição; cfr. L. M. de Rijk, *Logica modernorum*, Vol. I, *On the Twelfth Century Theories of Fallacy*, ed. cit., 1962.

(3) J. Mullally, ed. cit., pp. xxvi-xxvii. Este é o tratado mais extenso de toda a obra, razão pela qual em muitos manuscritos posteriores a 1280 e em edições impressas é substituído por um outro mais curto, conhecido como *Fallaciae minores*; o texto genuíno é por sua vez conhecido como *Tractatus maiorum fallaciarum* ou *fallaciae maiores*; de Rijk mostrou que apenas este é genuíno e que as *Fallaciae minores* são apócrifas (cfr. *Tr.*, «Introd.», p. xciv). Em manuscritos italianos no lugar deste tratado chega a ser colocado o tratado sobre as falácias atribuído a Tomás de Aquino (*idem*, pp. xciv e xcvi).

a indução, o entimema e o exemplo são instrumentos inferiores (*Tr.* VII 3). A disputa pode pois ser de quatro tipos: doutrinal (*doctrinalis*: o seu instrumento é o silogismo demonstrativo), dialéctica (*dialectica*), probabilística (*temptativa*: assume o provável daquele que responde e por isso é um provável relativo) e sofística (*sophistica*). «A disputa sofística é a que silogiza a partir de proposições que parecem prováveis e não o são. O instrumento desta disputa é o silogismo sofístico. O silogismo sofístico é aquele que é aparente e não real» (*Tr.* VII 8). Pedro define e classifica todos os tipos de discussão, mas o coração do tratado é a discussão sofística, com os cinco fins especiais a que o disputador pretende conduzir o seu adversário: a refutação, o falso, o inopinável, o solecismo, a redundância. Como já vimos acima, o fim próprio da disputa sofística é o «saber aparente, porque os sofistas antes querem paracer sapientes não o sendo, que sê-lo e não o parecerem» (*Tr.* VI 21). Ora, o instrumento para alcançar este fim é precisamente as 13 falácias. A falácia é um raciocínio que contém um vício de forma, e que é a causa ou princípio de engano (*deceptio*) na proposição (*Tr.* VI 26). As seis primeiras são falácias na expressão (*fallaciae in dictione*): equivocação, anfibolia, composição, divisão, acento, figura da expressão, cada uma delas com dois ou três modos (expostas nos §§ 24-100). Pedro antecede a exposição destas falácias por algumas referências à ambiguidade (a *multiplicitas* é tripartida, como diz Alexandre de Afrodísias), causa de dificuldades na expressão, cujo carácter deceptivo provém de não significarmos a mesma coisa com os mesmos nome e frases. Já a causa da aparência e da não-existência nas falácias exteriores à expressão (*fallaciae extra dictione*) está na realidade mesma (*causa est in re*), enquanto nas falácias na expressão está na expressão mesma e a causa da sua falsidade está na realidade (*Tr.* VII 101). Há sete falácias extra-expressão: acidente, “segundo algo e simplesmente”, ignorância do elenco (*elenchus* é «um silogismo cuja conclusão contradiz a conclusão de outro silogismo», VII 131), petição de princípio, consequência, “não causa como causa”, “várias perguntas como uma” (expostas nos §§ 101-190). Alguns exemplos de paralogismos: “tudo o que ri tem boca / ora, o prado ri / portanto o prado tem boca ⁽¹⁾”, falácia por equivocação de segunda espécie, porque na segunda premissa “ri” tem o sentido de “floresce” (VII 32); “tudo o que é de Aristóteles é possuído por Aristóteles / este livro é de Aristóteles / logo, este livro é possuído por Aristóteles”, falácia por anfibolia de primeira espécie porque a mesma frase “o livro de Aristóteles” significa várias coisas, quer o livro que ele escreveu quer o livro de que ele é proprietário (VII 45); “o que não é homem, é um homem morto / portanto, o que não é homem, é homem” é uma falácia segundo algo e simplesmente do primeiro modo porque “morto” diminuiu a razão daquilo a que

(1) Sobre este exemplo em lógicos e teólogos do século XII, ver Irène Rosier, «Pratarident», in A. de Libera, A-Elamrani-Jamal, A. Galonnier (eds.), *Langages et philosophie. Hommage à Jean Jolivet* (Études de philosophie médiévale, 74), Vrin, Paris, 1997, pp. 155-176.

se acrescenta (VII 122); “Platão é filho de Sócrates / portanto, Sócrates é pai de Platão” é uma petição de princípio do quinto modo, porque algo não se pode provar pelo seu correlativo (VII 147); “se é um homem é um animal / portanto, se é um animal é um homem”, falácia por conversão do consequente (VII 157). Nas dezenas de paralogismos expostos Pedro procura explicar por que é que a falácia parece verdadeira. O tratado termina com a apresentação das regras aristotélicas para resolução das falácias por ignorância da questão (*ignorantia elenchi*, isto é, da contradição existente no silogismo), que são um tipo particular de falácias, mas também são o modo geral ao qual se podem reduzir todas as falácias particulares (VII 179-190).

Tópicos e falácias são partes de uma mesma teoria da discussão, centrada no silogismo, mas enquanto a “opinião”, que é o fim da dialéctica, se adquire por argumentos extraídos dos *lugares* dialécticos ou tópicos, já o “saber aparente”, que é o fim das disputas sofísticas, se adquire por argumentos extraídos dos treze *lugares* sofísticos ou sofismas (Tr. VII 22).

2. Lógica dos modernos

Os Tratados VI e VIII-XII ocupam-se das propriedades semântico-referenciais dos termos, cerne da «lógica moderna» com uma tal unidade temática que em muitos manuscritos eram apresentados como constituindo apenas um tratado, também conhecido como *parva logicalia*, devido quer à sua pequena dimensão quer à diferença aos *magna logicalia* dos restantes tratados. De facto, em algumas famílias de transmissão textual do *Tractatus* estavam agrupados num único Tratado VII, exactamente como viria a acontecer na *Summa Logicæ* de Ockham, mas Pedro Hispano dedicou um tratado a cada uma das seis propriedades dos termos. Por sua vez os *Syncategoreumata*, quando eram copiados ou editados com o resto da obra, chegavam a ser designados como *Tratado oito*. Estes seis tratados sobre as propriedades dos termos coincidem literalmente com um texto anónimo que De Rijk intitulou *Summule antiquorum*, do qual divergem apenas em ligeiros acrescentos. Esta obra é geralmente tida como a fonte de Pedro para esta parte do *Tractatus*, o que de imediato lhe retira qualquer originalidade ⁽¹⁾.

(1) As *Summulæ antiquorum* foram publicadas por L. M. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — I. General problems...»; cfr. as pp. 5-8 do mesmo estudo e as pp. LXXI-LXXII e XCIV da edição do *Tractatus*. Ver também a recensão de N. Kretzmann, J. Longeway, E. Stump e J. Van Dyck, «L. M. de Rijk on Peter of Spain», *Journal of the History of Philosophy*, 16 (1978), pp. 325-333, em especial as pp. 329-332, onde os autores se inclinam a concluir que é Pedro que usa as *Summulæ antiquorum* e não o contrário. Antes de se conhecer este opúsculo e a massiva abordagem das propriedades dos termos no século XII julgava-se que este campo da lógica havia nascido precisamente na obra de Pedro Hispano.

Em Pedro Hispano a *suppositio* (suposição) (!) distingue-se da *significatio* (significação) e da *copulatio* (copulação) e organiza as restantes propriedades que dela dependem: *relatio* (relação), *ampliatio* (ampliação), *appelatio* (apelação), *restrictio* (restrição), *distributio* (distribuição).

«A significação do termo, tal como aqui a entendemos, é a representação convencional de uma coisa pela palavra. [...] Uma é a significação de uma coisa substantivamente, realizada por um nome substantivo, como "homem" e outra é a [significação] de uma coisa adjectivamente, realizada por um nome adjectivo ou por um verbo, como "branco" ou "corre". [...] a adjectivação e a substantivação são modos das coisas que são significadas e não da significação.

«Diz-se que os nomes substantivos supõem e que os nomes adjectivos e os verbos copulam.

«Ora, a suposição é a acepção do termo substantivo no lugar de algo (*pro aliquo*). De facto, a suposição e a significação são diferentes, porque a significação é a imposição de um signo verbal (*vocis*) à coisa significanda, a suposição é a acepção do próprio termo que já significa, por alguma coisa (*pro aliquo*). Como quando se diz "o homem corre", este termo "homem" supõe por Sócrates, ou por Platão e assim sucessivamente. Por essa razão a significação é anterior à suposição. Nem pertencem à mesma coisa, porque significar é próprio do signo verbal (*vocis*), e supor é-o do termo (*termini*), que é como se fosse composto de signo verbal e significação. Portanto a suposição não é a significação.

«A copulação é a acepção do termo adjectivo [e do verbo] por algo.» (*Tr.* VI 2-3)

Para esta primeira abordagem comparativa Pedro convoca três propriedades dos termos: "significação", "suposição" e "copulação", mas apenas as duas primeiras serão tratadas, enquanto a "copulação", função atributiva ou referencial dos adjectivos, distinta da cópula verbal, será um dos temas dos *Synkategoremata*. Nunca é de mais sublinhar a explícita distinção entre significação e suposição, com a recusa de tomar esta última como um modo particular da significação, tese que encontramos sobretudo na tradição oxoniana. Mas, apesar da distinção entre as duas formas de relação semântica, a formulação que Pedro dá aos diversos modos de suposição não deixa de conter algumas ambiguidades no que diz respeito à distinção com a significação (2). A significação e a suposição são duas formas distintas da *acepção* ou relação do termo (ou palavra) ao seu referente. Significar é conotar ou tornar algo presente (re-presentar) de modo convencional através de um som articulado pela voz, isto é, decorre de cada língua e por isso reflecte uma relação

(!) Deve evitar-se qualquer confusão com os usos correntes e actuais de supor e suposição, que indicam o acto de pôr uma hipótese.

(2) L. M. de Rijk, «*Significatio y suppositio* en Pedro Hispano», *Pensamiento* 25 (1969), pp. 225-234; cfr. p. 233.

variável e arbitrária entre as palavras e as coisas, quer estas sejam ou universais ou particulares, porque apenas pode existir significação do que existe. A *suposição*, etimologicamente “estar no lugar de”, descreve a propriedade denotativa de um termo, que na proposição refere algo de modo permanente e por isso remete para um plano de relação constante e invariável entre palavras e coisas (entendidas estas como englobando substâncias, ou géneros, ou espécies, ou indivíduos) ⁽¹⁾. A análise da *suppositio* consiste sobretudo em identificar os modos possíveis de referência de um termo. Há quase tantas classificações da suposição quantos os autores e também Pedro propõe uma na parte central do pequeno tratado (*Tr.* VI 4-9) ⁽²⁾ devidamente apoiada por exemplos:

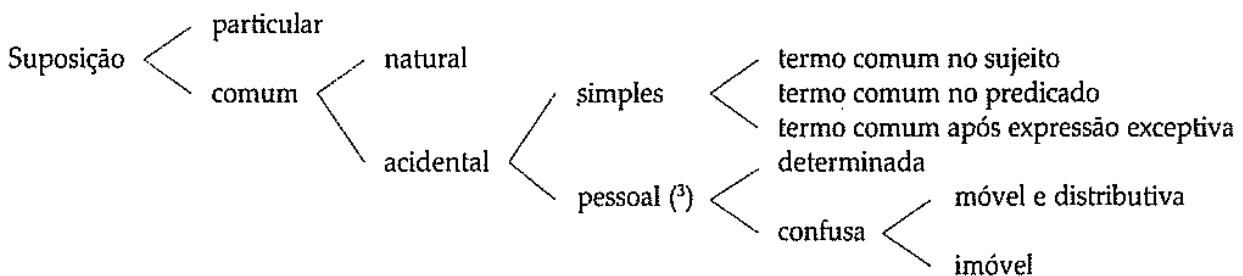


Fig. 4: Esquema dos modos da *suppositio* (*Tractatus*, VI 8)

Os exemplos oferecidos permitem concluir que a suposição é uma propriedade contextual de tipo intraproposicional, uma vez que é na proposição que o termo está por alguma coisa. Contudo, em Pedro Hispano, tal como na lógica de tradição parisiense, subsiste um modo pré ou extraproposicional, a *suppositio naturalis* ⁽⁴⁾, ou suposição potencial, que indica a capacidade de um termo referir a totalidade dos seus supostos; por exemplo o termo “homem”, tomado em si mesmo, isto é, fora de uma proposição, tem uma referência extensional total porque refere a totalidade dos homens passados, presentes e futuros. Pelo contrário, na tradição oxoniense

⁽¹⁾ Para uma apresentação desenvolvida da constituição da teoria da *suppositio* ver L. M. de Rijk, *Logica modernorum*, II, pp. 527-544.

⁽²⁾ Note-se que a parte final do tratado (§§ 10-12) é de facto a discussão e rejeição da possibilidade de uma suposição “por necessidade da coisa”. Quase poderíamos dizer que, apesar de existir uma certa estabilidade conceptual, cada lógico do século XIII tem a sua divisão da suposição, mas há elementos constantes que permitem distinguir uma tradição parisiense, de que Pedro é um expoente, e uma tradição oxoniense ou insular, representada por um Guilherme de Sherwood; cfr. A. de Libera, «The Oxford and Paris Traditions in Logic», in *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, ed. cit., pp. 174-187.

⁽³⁾ Em *Tr.* IX 1 Pedro divide também a suposição pessoal em restrita e ampliada, daí que a “ampliação” e “restrição” sejam de facto propriedades dos termos em suposição pessoal.

⁽⁴⁾ L. M. de Rijk, «The Development of *Suppositio naturalis* in Medieval Logic», *Vivarium* 9 (1971) 71-107, 11 (1973), pp. 43-79; revisto em idem *La philosophie au Moyen Age*, E. J. Brill, Leiden, 1985, pp. 182-203, cfr. pp. 185-188.

e por exemplo em Ockham, a *suppositio*, enquanto género particular da significação, permanece como uma propriedade estritamente intraproposicional do termo. Já na *suppositio accidentalis*, ou suposição actual, todas as suas divisões incluídas, o contexto proposicional é determinante. Aqui, nas proposições "o homem foi", "o homem é", ou "o homem será", o termo "homem" supõe respectivamente pelos homens passados, presentes ou futuros, razão pela qual podem ocorrer diversos regimes de referência consoante o que se associa ao termo. Com a suposição simples encontramos mais um exemplo da opção realista de Pedro quanto ao problema dos universais: «a suposição simples é a acepção de um termo universal (*termini communis*) por uma coisa universal (*res universalis*) significada por ele» (Tr. VI 5), como em "homem é uma espécie", "homem" refere o homem em geral enquanto realidade extra-mental e não homens particulares. A suposição pessoal é a acepção de um termo geral por todos os indivíduos que ele inclui: em "o homem corre", "homem" supõe por todos os indivíduos que inclui (a ampliação e a restrição também são formas da suposição pessoal, como veremos). A suposição determinada é a acepção de um termo comum tomado em sentido indefinido ou com um signo particular, como nas proposições "o homem corre" ou "algum homem corre", e chama-se determinada porque "homem" pode supor por qualquer homem, quer corra quer não corra, mas apenas são verdadeiras se um homem correr. A suposição confusa é a acepção de um termo comum por muitos mediante um signo universal, como em "todo o homem é animal" onde "homem", devido à presença do signo universal "todo", está por cada um dos seus supostos. A distinção entre suposição confusa por necessidade do signo, ou móvel e distributiva (quando naquela proposição podemos inferir cada homem a partir do termo "homem"), e confusa por necessidade da coisa, ou imóvel (naquela proposição "animal" não pode referir os seus supostos), é ainda proposta, mas numa longa "dúvida" com que o tratado termina e que é a quase única diferença entre este tratado e a parte respectiva das mencionadas *Summulæ antiquorum*, este último modo virá a ser rejeitado. No âmbito desta discussão da suposição confusa, Pedro esboça a possibilidade de passar da suposição simples para a pessoal e de legitimar a inferência do geral para o particular (*descensus*), sem fazer ainda a sua teorização que virá a ter importância capital na lógica do século XIV (¹).

De certo modo as restantes propriedades dos termos submetem-se à suposição. O Tratado VIII, que sublinha bem as relações entre gramática e lógica, ocupa-

(¹) Paola Müller, «The *Descensus ad inferiora* in William of Shyreswood and Peter of Spain», in S. Knuuttila, R. Työrinoja, S. Ebbesen (eds.), *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.)*, Helsinki 24-29 August 1987, Vol. II, pp. 599-608 (Acta Philosophica Fennica, 48. Annals of the Finish Society for Missiology and Ecumenics, 55) Helsinki, 1990.

-se do modo como as expressões relativas, de substância ou de acidente, evocam a coisa anteposta, como em "Sócrates, que corre, disputa", o relativo "que" refere Sócrates e supõe por Sócrates. Os Tratados IX e XI ocupam-se de duas novas propriedades, respectivamente a "ampliação" e a "restrição", que ocorrem apenas nos termos em suposição pessoal, que para este efeito é agora dividida em restrita e ampliada (Tr. IX 1). Estas duas propriedades apenas abrangem o termo geral (*communis*) como "homem" e não o termo discreto como "Sócrates". A *ampliação*, que pode ocorrer pelo verbo, pelo nome, pelo particípio e pelo advérbio, «é a extensão do termo geral de uma suposição menor para uma maior», como em "o homem pode ser o Anticristo", "homem" amplia a sua referência temporal não só para os que existem como também para os que existirão. A *restrição*, que pode ocorrer pelo nome, pelo particípio, pela implicação, pelo uso e pela transição do verbo (as duas últimas acrescentadas em XI 18-19), «é a coarctação do termo comum de uma suposição maior para uma menor», como em "o homem é branco", "branco" restringe "homem" a supor apenas pelos que são brancos. A *apelação* (Tr. X) é uma propriedade distinta da significação e da suposição, uma vez que é uma propriedade exclusiva dos termos enquanto denotam apenas coisas existentes, quer sejam singulares como "Pedro" ou "João", quer sejam, gerais como "homem", que denota todos os homens existentes. A apelação distingue-se da significação e da suposição porque estas referem quer o existente quer o não-existente, mas dada a restrição temporal ao presente, a apelação é de facto o contraponto quer da ampliação quer da suposição natural onde o termo tem de facto uma extensão omnitemporal. Por fim é abordada a *distribuição* (Tr. XII), que é «a multiplicação do termo comum realizada pelo signo universal», isto é, expressões sincategoremáticas como "todo", "nenhum", "nada", "o que quer que seja", que quantificam logicamente os termos aos quais se referem e são a causa de engano em argumentos e sofismas, de que são discutidos alguns exemplos. O tratado sobre os *Sincategoremas* prolonga a discussão de problemas conexos e colhe especialmente as teorias da suposição e do silogismo para provar ou refutar os sofismas causados pela modificação da extensão de referência dos termos na proposição devido à presença de expressões sincategoremáticas.

Os autores do século XIII tendem a tratar os sincategoremas em obras próprias, enquanto os sumulistas dos séculos XIV e XV, como Ockham e Walter Burleigh, os incluem nas próprias súmulas de lógica, em geral no seu início (¹). Pedro dedicou aos sincategoremas uma obra separada, composta por uma introdução e 10 tratados. Há uma relação estreita entre os *Tractatus* e os *Syncategoreumata*, e nesta obra Pedro remete textualmente seis ou sete vezes para os *Tractatus*; e como o contrário

(¹) N. Kretzmann, «Syncategoremata, Exponibilia, Sophismata», in N. Kretzmann et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, op. cit., pp. 211-245; cfr. p. 215.

nunca acontece, podemos concluir que estes são anteriores. A obra, pelo seu estilo, testemunha também uma maior ligação ao contexto escolar, dada a presença mais constante da técnica da *questio* e mesmo uma referência à *lectio* (cfr. *Sync.* IX 8: «Vista a divisão dos silogismos [...] na lição anterior [...]»).

Os primeiros parágrafos da obra são fulcrais para compreender a concepção petrínica das relações entre linguagem, real e verdade e a função que aí desempenham os sincategoremas. O tratado abre exactamente com a definição aristotélica de verdade (*Categorias* 4b 8-10).

«Uma proposição é considerada verdadeira ou falsa consoante a coisa [envolvida] existe ou não ⁽¹⁾. Ora, a verdade ou falsidade de uma proposição é causada por expressões sincategoremáticas, como "apenas", "só", "senão", "excepto", etc. Portanto, as expressões sincategoremáticas significam alguma coisa, mas não significam coisas que podem ser sujeito ou predicado [na proposição]. Portanto, [os sincategoremas] significam coisas que são disposições de coisas que podem funcionar como sujeitos ou como predicados, uma vez que na proposição verdadeira ou falsa não existem senão o sujeito e o predicado e as suas disposições.» (*Syncategoreumata* I 1, ed. cit., p. 38.)

Os categoremas significam coisas, os sincategoremas consignificam estados ou disposições de coisas, por isso estas expressões têm alguma relação com as coisas que determinam ou afectam as condições de verdade ou falsidade de uma proposição. Pedro ocupa-se nos Tratados I-IX das propriedades sintáctico-semânticas dos sincategoremas, classificados segundo a composição (Tratado I: "est"), a negação (II: "non") ⁽²⁾, a exclusão (III: "tantum", "solus"), a excepção (IV: "preter", "preterquam", "nisi"), o condicional (V: "si"); a mudança (VI, sobre "incipit" e "desinit"), a contingência e necessidade (VII: "necessario", "contingenter"), as conjunções (VIII: "-ne", "an", "utrum"), a quantidade e intensidade (IX: "quanto", "quam", "quicquid"). A introdução e o último tratado distinguem-se dos restantes nove tratados onde são concretamente discutidos os sincategoremas. O último tratado (*Sync.* X: *De responsionibus*), embora não trate de qualquer sincategorema, encerra uma doutrina dos fins do seu estudo, sobremaneira útil para a arte da resposta na disputa dialéctica.

⁽¹⁾ Esta definição de verdade na proposição é retomada de Aristóteles, *Categorias* 4b8-10: «Ab eo quod res est vel non est oratio vera vel falsa dicitur.» A tradução de *res* por "coisa" é algo problemática, porque, como vemos na sequência do texto de Pedro, significa também o estado ou disposição de coisas (*Sync.* Introd., 2).

⁽²⁾ Um estudo aprofundado dos dois primeiros sincategoremas é apresentado por Joke Spruyt, *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Ingenium Publisher, Nijmegen, 1989. O volume contém a edição e tradução da introdução e dos dois primeiros tratados dos *Sincategoremas* (que viriam a ser superadas pela edição crítica, em que a autora colaborou). O estudo das posições de Pedro é completado por uma comparação com as de diversos autores seus contemporâneos.

Os sofismas têm o seu lugar no quadro de uma teoria da prova ou demonstração (*Sync.*, X 4). O sofisma não é um raciocínio sofisticado ou uma proposição falaciosa, tipos de raciocínio tratados em partes diferentes do *Tractatus*. O sofisma é «uma proposição ambígua ou defectiva que requer certas distinções antes de o seu correcto sentido lógico ser obtido e a interpretação falsa rejeitada» (1). A discussão destas proposições com aparências paradoxais envolvidas no uso da linguagem natural é simultaneamente transferida para um plano metalinguístico, que se exprime pela formulação de *regras lógicas* que permitem identificar as causas do erro do sofisma ou demonstrar que esse é apenas aparente. Os sofismas funcionam, portanto, como exemplos e instrumentos de demonstração ou teste de regras, permitindo a análise e dilucidação de ambiguidades. Na obra de Pedro Hispano não é explicitamente referida a sua função heurística apesar de ela ser bem patente. Os sofismas são quase sempre tratados da mesma forma: posição admitida como válida para a discussão (*positio*), enunciado do sofisma, provas silogísticas a favor (*probatio*) e contra (*contra*), solução (*solutio*) onde se conclui se o enunciado é verdadeiro ou falso.

Ao longo da obra são discutidos cerca de 50 sofismas ou paradoxos lógicos, os quais são autênticos testes da validade de regras lógicas sobre o funcionamento proposicional dos sincategoremas. Alguns sofismas sublinham uma estreita ligação entre lógica e física, os mais conhecidos dos quais são os relacionados com o primeiro e último instante implícitos nos verbos sincategoremáticos aspectuais *incipit* (começar) e *desinit* (terminar), onde fica esboçada uma lógica da mudança. Pedro, segundo a classificação proposta por N. Kretzmann e retomada por de Libera, faz uma “abordagem híbrida” do “problema do instante da mudança”: «De facto há nele quer uma componente física — a distinção entre *res permanentes* e *res successivæ*, suporte de uma teoria geral dos instantes-limite que podemos exprimir com o auxílio dos termos modernos de limite “intrínseco” e de limite “extrínseco” —, quer uma componente lógica, a distinção entre diferentes modelos de “análise” (*expositio*) das proposições enganadoras (*sophismata*) que contêm os sincategoremas “*incipit*” e “*explicit*”...» (2) Pedro discute sofismas como «Sócrates termina de ser o mais branco dos homens (*Sortes desinit esse albissimus hominum*)», admitido que «Sócrates é o mais branco dos homens que existem e que após este instante nasce outro homem mais branco que ele», sofisma verdadeiro cuja contraprova erra sob três aspectos (*Sync.* VI 23).

(1) Ph. Bohener, *Medieval Logic...*, *op. cit.*, p. 8.

(2) Alain de Libera, «La problématique de “l’instant du changement” au XIII^e siècle: contribution à l’histoire des *sophismata physicalia*», in Stefano Caroti (ed.), *Studies in Medieval Natural Philosophy* (Biblioteca di Nunciatus. Studi e testi, 1), Leo Olschki, Firenze 1989, pp. 43-93, cfr. p. 51. De Libera estuda neste artigo as soluções propostas por quatro autores para o sofisma que a seguir se apresenta.

Particularmente importantes, se tivermos em conta os desenvolvimentos posteriores, são os sofismas resultante da presença da expressão consecutiva, envolvidos na génese de um dos capítulos mais inovadores da lógica medieval, a lógica da consequência. No Tratado V Pedro discute a famosa *consequentia adamitorum*, associada a Adão da Pequena ponte (Adamus de Balsham ou Parvipontanus) plasmada na regra "ex impossibile quidlibet sequitur" (do impossível segue-se o que quer que seja), porque defendem que, na proposição condicional, se a primeira proposição é impossível a conclusão é sempre verdadeira, como no sofisma "se nada é, algo é". Mas, Pedro de facto opõe-se a reconhecer validade a esta regra, contrapondo-lhe outra: «sempre que uma negação é colocada antes de uma proposição, seja ela categórica ou condicional, contradi-la sempre», única forma de garantir que o antecedente e o consequente mantêm uma certa relação ontológica que impede a inferência de um a outro quando o antecedente é impossível, porque o que não existe nada pode causar (*Sync.* V 38-56) ⁽¹⁾. Ao contrário dos adamitas, Pedro toma a relação condicional na sua acepção ontológica e não apenas lógica. Com o sofisma "Se tu sabes que és uma pedra, tu não sabes que és uma pedra" (V 55-56) mostra que as contradições nele envolvidas provêm do antecedente porque já estão nele contidas. O sofisma «o impossível pode ser verdade» (*Tr.* IX 4) havia sido rejeitado por razões semelhantes.

São inúmeros os sofismas plenos de humor como o anterior, que manifestam bem o carácter lúdico destas discussões lógicas. São frequentes os exemplos que encontramos nos *Syncategoreumata*: «Tu não podes negar que não és um asno» (VIII 92-97), «Nenhum homem lê em Paris a não ser que seja asno» (VIII 65-66), «Quanto mais aprendes, menos sabes» (IX 4-5), «É impossível que algo senão um asno te gerasse» (IX 15).

Sabemos que no século XIV a literatura dos sofismas se autonomiza, e que os sincategoremas passam a fazer parte das sùmulas de lógica, mas desconhecemos o papel que a obra de Pedro Hispano desempenhou neste duplo processo. Talvez devido a esta rápida recomposição deste campo de pesquisa os *Syncategoreumata* tiveram uma muito ténue difusão, se comparada com a do *Tractatus*.

II. História das obras lógicas de Pedro Hispano

Um breve relance sobre a história das obras lógicas de Pedro Hispano permite-nos concluir que a sua limitada originalidade está na proporção inversa da sua ampla influência na história da filosofia do final da Idade Média e da Época Moderna.

⁽¹⁾ Joke Spruyt: «Thirteenth-Century Positions on the Rule "ex impossibile sequitur quidlibet"», Klaus Jacobi (Hrg.), *Argumentationstheorie. Scholastische Forschungen zu den logischen und semantischen Regeln korrekten Folgerns* (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 38), E. J. Brill, Leiden-New York, 1993, pp. 161-193; sobre Pedro: pp. 170-172.

1. Data e contexto de composição

A determinação da data e local de composição da obra lógica de Pedro Hispano continua a ser um tema disputado. Hipóteses antigas, como Paris ou Lisboa, estão hoje postas de lado. De Rijk, quando preparava a edição crítica do *Tractatus*, notou que o exemplo de *exemplum* (Tr. V 3) era em alguns manuscritos construído com termos incompreensíveis. Considerando os códices mais antigos verificou que a sua redacção original era a seguinte: «que os leonenses lutem contra os astorguenses é mau, portanto que os astorguenses lutem contra os zamoranos é mau». O que acontecia é que alguns copistas, chegados a esta passagem onde encontravam palavras que lhes eram totalmente desconhecidas, erravam ao transcrevê-las ou então adaptavam o exemplo à sua própria região. De Rijk concluiu engenhosamente que a obra deveria ter sido escrita na região onde o exemplo seria facilmente compreensível, isto é, na região Astorga, León, Zamora (cfr. *Tr.*, «Introduction», pp. LVIII-LXI), mas a hipótese obrigava a conjecturar uma permanência de Pedro Hispano nessa região, facto até aí nunca aventado. A hipótese é plausível mas é totalmente conjectural, havendo total ausência de testemunhos que a comprovem. De qualquer forma, sabemos que o *Tractatus* tem uma relação directa com a tradição lógica parisiense da primeira metade do século XIII, e que, embora o autor seja totalmente omissos neste aspecto, terá sido composto noutra local com a intenção de fornecer um manual para estudos lógicos. De deslocação em deslocação a obra acaba por chegar a Paris, e, talvez depois de se impor em outras escolas, também se tornará uma obra de grande influência lógica e intelectual no próprio meio parisiense pelo menos a partir de meados do século XIV.

Indícios textuais permitem pelo menos fazer uma datação relativa das duas obras. Nos *Syncategoremata* Pedro remete explicitamente por sete vezes para o *Tractatus*, o que atesta a anterioridade deste. Mesmo assim, não é possível fixar com segurança as respectivas datas de composição. Não sendo possível colher dados na biografia de Pedro, e não havendo qualquer documento do qual se possa inferir uma data, De Rijk procurou elementos na primeira difusão na obra e na datação dos comentários mais antigos. Assim, após situar a composição dos comentários de Guilherme Arnaldi e Roberto Ânglico entre 1235 e 1244 sugeriu que a obra terá sido composta por volta de 1230 («not later than the 1230's», p. LVII). Esta hipótese fazia recuar as hipóteses tradicionais, mas alguns anos mais tarde R.-A. Gauthier viria a mostrar que o comentário de Roberto Ânglico não é anterior a 1270 e que o de Guilherme é de finais do século XIII (!). Na Introdução aos *Syncategoremata* (p. 9) De Rijk alarga a área geográfica de composição das duas obras para o «Norte de Espanha ou o Sul de França»: é nesta região que se verifica a primeira difusão das obras, escritas «provavelmente entre 1235-1245». Os *Tractatus* e os *Syncategoremata*

são as únicas obras lógicas escritas por Pedro Hispano, porquanto o *Tractatus exponibilibium*, que surge em muitos manuscritos e edições impressas dos *Tractatus*, é de autor anónimo e apenas começou a ser agregado ao final das propriedades dos termos em meados do século XIV.

Tudo indica portanto que as obras foram escritas fora do contexto escolar parisiense, mas o seu autor frequentou seguramente aí a faculdade de Artes. Estando ainda por determinar com precisão as datas nucleares da vida de Pedro, não é possível determinar quem foram os seus mestres aquando da sua passagem por Paris. Nas décadas de 20 e 30 João o Pagem (Iohannes Pagus) e Herveu Bretão (Herveus Britonis) eram dois dos mais reputados mestres de dialéctica em Paris, e ele poderá ter seguido as suas lições (*idem*, pp. LXXIV-VIII), mas também aqui faltam argumentos com base textual e a conjectura apenas se torna plausível se se confirmar que de facto Pedro estudou em Paris e nessa mesma época. A influência através dos textos destes autores é mais fácil de verificar. Quanto às fontes, e como fomos verificando a propósito de cada tratado, Pedro acede à tradição lógica através de um reduzido número de textos, intensamente reutilizados no *Tractatus* ao ponto de, em grande parte, o seu contributo se limitar quase só à arte de sumarizar textos alheios. As três principais sínteses de lógica de meados do século XIII, todas no mesmo estilo sumulista, são o *Tractatus* de Pedro Hispano, as *Introductiones in logicam* de Guilherme de Sherwood e a *Summa* de Lamberto de Auxerre. Diversos autores fizeram de Pedro ou um utilizador ou uma fonte das obras destes seus contemporâneos. L. M. de Rijk, depois confirmado por investigações de outros autores, mostrou que Pedro e Guilherme pertencem a tradições lógicas distintas e que também não há evidências textuais de conhecimento mútuo entre as obras de Pedro e Lamberto, mas há seguramente fontes comuns aos três autores (cfr. *Tr.*, «Introduction», pp. LXVII-LXXXIV).

2. Difusão e influência

Um dos aspectos mais interessantes da história dos *Tractatus*, mas ainda pouco estudado, é a sua passagem de mero resumo auxiliar para o estudo da lógica, a autoridade comentada. De facto, por um processo lento e cujas etapas ou momentos fulcrais não estão identificados, a obra de Pedro Hispano passará no século XIV a ser integrada nos planos curriculares universitários, sendo a sua aprendizagem e comentário prescritos como parte introdutória dos cursos das faculdades de Artes (em geral no primeiro ou segundo semestres), aí se mantendo até meados do século XVI.

(¹) René-Antoine Gauthier, «Préface», a *Sancti Thomae de Aquino Expositio libri peryerminias*, Opera Omnia, t. I* 1, Commissio Leonina — Libr. Philos. J. Vrin, Roma-Paris, 1989, pp. 52*-53*.

Conhece-se a existência do *Tractatus* em bibliotecas pessoais de mestres ligados à Universidade de Paris na década de 1280, embora a obra ainda não fizesse parte do *corpus* de obras objecto de estudo. Mas, naquilo que os documentos hoje permitem assegurar, pelo menos em 1291 o *Tractatus* começa a ser adoptado como manual de introdução à lógica nas escolas da ordem dominicana ⁽¹⁾. Pouco depois começamos a encontrar a obra um pouco por todas as universidades continentais. O êxito da obra pode explicar-se pela sua forma literária sumulística e também pela organização classificatória das matérias tratadas, que abrangem, como vimos, os dois ramos fulcrais: a lógica predicativa e categorial e a lógica dos termos. Mas, costuma atribuir-se à nudez filosófica e metafísica do *Tractatus*, isto é, à ausência de posições próprias muito vincadas, o êxito do manual em todas as escolas filosóficas, que assim podiam adaptá-lo às suas conveniências e orientar os comentários na direcção desejada. De facto, o *Tractatus* foi incluído nos *curricula* de grandes e pequenas universidades ou colégios anexos um pouco por todo o continente europeu, como Paris, Colónia, Bolonha, Viena, Erfurt, Freiburg, Leipzig, Cracóvia, Salamanca, etc. ⁽²⁾. Os comentários que subsistem abrangem a totalidade dos círculos intelectuais mais importantes do período: dominicanos e franciscanos, nominalistas e realistas, albertistas, tomistas e escotistas, filósofos e teólogos ⁽³⁾. As centenas de manuscritos, de edições impressas e de comentários são o testemunho monumental da influência que o príncipe dos lógicos exerceu durante quase três séculos, até que quase repentinamente a obra desaparece de circulação, sob o efeito devastador das críticas renascentistas à lógica escolástica e à inversão do perfil de formação universitária. Mesmo se a obra já não é lida por um auditório tão alargado, a sua lógica

(1) A. Maierù, *University Training...*, *op. cit.*; a longa n. 58 da p. 12 transcreve uma série de decisões capitulares dos dominicanos e dos agostinianos onde é prescrito o uso dos *Tractatus* para o ensino da lógica aos jovens.

(2) Existem estudos sobre o uso dos *Tractatus* em Bolonha, em Colónia e em Cracóvia. Alfonso Maierù, «I commenti bolognesi ai *Tractatus* di Pietro Hispano», in Dino Buzzetti, Maurizio Ferriani, Andrea Tabarroni (ed.), *L'insegnamento della Logica a Bologna nel XIV secolo* (pp. 497-543), (Studi e memorie per la storia dell'Università di Bologna, n.s. 8), Istituto per la storia dell'Università di Bologna, Bologna, 1992; ver do mesmo autor o cap. 4 da obra *University Training in Medieval Europe*, *op. cit.*, pp. 93-116 e *Terminologia logica della tarda scolastica*, Ed. dell'Ateneo, Roma 1972. As diferenças entre comentários tomistas e albertistas em Colónia no século xv são estudadas por Henk A. G. Braakhuis, «School Philosophy and Philosophical Schools. The Semantic-Ontological View in the Cologne Commentaries on Peter of Spain and the "Wegstreit"», in A. Zimmermann (Hrg.), *Die Kölner Universität im Mittelalter. Geistige Wurzeln und Soziale Wirklichkeit*, pp. 1-18 (Miscellanea Mediævalia, 20) W. de Gruyter, Berlin-New York, 1989. Sobre o *Tractatus* em Cracóvia, ver nota 1 da p. 357.

(3) Para um conspecto da influência da obra e das edições impressas, ver a parte final da introdução e o apêndice da edição de Mullally, *The Summulae logicales...*, *op. cit.*, e o estudo de João Ferreira, «As *Súmulas Lógicas* de Pedro Hispano e os seus comentadores», *Colecção de Estudos* (2.ª série) 3 (1952), pp. 360-394.

é plenamente incorporada nos manuais neo-escolásticos, ainda em uso pelo menos até à primeira metade deste século.

É sem dúvida a adopção do *Tractatus* como livro de texto nas escolas a partir do início do século XIV que está na origem da ampla influência que a obra exerceria. A difusão maciça da obra, sujeita a inevitáveis erros de cópia e à inclusão de glosas explicativas ou supletivas no interior do próprio texto, constitui hoje uma barreira para o conhecimento do texto genuíno da obra (¹). Com esta presença avassaladora no contexto escolar e universitário, o nome do autor assume uma inquestionável aura de prestígio, o que provoca o aparecimento de um conjunto de textos colocados sob o seu nome, mas de facto escritos por outros autores ainda hoje anónimos. Para os leitores modernos, até meados do século XX, o texto das *Summulæ* constituíam praticamente a única fonte para o conhecimento da lógica medieval, principalmente através das versões muito contaminadas das edições impressas dos séculos XV e XVI. Daí a difusão de juízos de avaliação claramente negados pela realidade da oceânica produção medieval no âmbito da lógica, que hoje conhecemos melhor, e que nos obrigam a corrigir aquelas opiniões que faziam do *Tractatus* e do seu autor o cume da lógica medieval, atribuindo-lhe por vezes a autoria de teorias (como a lógica das propriedades dos termos) em que não foi senão o continuador e o sistematizador de um movimento de pensamento que já contava mais de um século. A mestria sumulista de Pedro Hispano não deve ser confundida com originalidade ou com profundidade lógica, que claramente lhe faltam, sobretudo se comparado com outros lógicos dos séculos XII ou XIV.

Foram muitos os que aprenderam lógica pelo manual de Pedro Hispano; só para reter alguns nomes, refiram-se pelo menos: Dante, João Buridano, Biaggio Pelacani de Parma, Nicolau Oresme, Marsílio de Inghen, Martinho Lutero (via

(¹) L. M. de Rijk, durante a preparação da edição crítica da obra, publicou justamente uma série de estudos que visavam a determinação do seu conteúdo e da primeira difusão do *Tractatus*, que investigações ulteriores infirmaram em alguns aspectos de pormenor. (cfr. L. M. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — I. General problems concerning possible interpolations in the manuscripts», *Vivarium* 6 (1968), pp. 1-34; «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — II. Simon of Faversham (d. 1306) as a Commentator of the Tracts I-V of the *Summulæ*», *idem* 6 (1968), pp. 69-101; «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — III. Two Redactions of a Commentary upon the *Summule* by Robertus Anglicus», *idem* 7 (1969), pp. 8-61; «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — IV. The *Lectura Tractatum* by Guillelmus Arnaldi, Master of Arts at Toulouse (1235-44). With a note on the Date of Lambert of Auxerres's *Summule*», *idem* 7 (1969), pp. 120-162; «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* (Conclusion) — V. Some Anonymous Commentaries on The *Summule* Dating From the Thirteenth Century», *idem* 8 (1970), pp. 10-55. (Note-se que nesta fase da investigação de Rijk ainda designava a obra pelo seu nome tradicional.)

Iodocus Trutvetter), e, talvez indirectamente, Nicolau Copérnico ⁽¹⁾. Também Charles S. Peirce, um dos fundadores da lógica e da semântica modernas, era um profundo conhecedor das *Summulæ*, que cita por diversas vezes.

III: As obras atribuídas a Pedro Hispano

Em cerca de 600 manuscritos encontram-se atribuídas a Pedro Hispano obras que abrangem uma extraordinária diversidade temática: lógica, psicologia, filosofia natural, teologia mística, apologética pastoral, medicina, alquimia. Vários milhares de páginas, uma parte das quais continuam inéditas. A extensão da obra é habitual entre os mestres universitários dos séculos XIII e XIV, que nos legaram volumosas bibliotecas. Mesmo a diversidade temática é habitual entre autores medievais; vejamos os exemplos igualmente enciclopédicos de Rogério Bacon, Alberto Magno, Raimundo Lúlio ou Arnaldo de Vilanova.

Grandes áreas de sombra envolvem Pedro Hispano e a produção desta obra monumental, sobretudo se tivermos em conta que o autor é identificado com Pedro Julião, natural de Lisboa, que viria a ser entronizado papa João XXI (1276-1277). São vários os elementos problemáticos a propósito da identidade e da carreira académica do autor que solicitam clarificação. Em primeiro lugar, a produção desta obra terá ocorrido num período muito curto de tempo: entre 1235 e 1250; depois deste ano, o Pedro Hispano que nos habituámos a ver como lógico e filósofo inicia uma longa carreira eclesiástica e política que terminaria com a referida eleição papal em 1276. Por outro lado, o seu autor terá praticado cada área de estudo em períodos separados: primeiro a lógica, na década de trinta, depois as ciências naturais e a filosofia, enquanto estudava medicina, entre 1240 e 1245, período a meio do qual se devem inserir as obras de teologia e a parenética, e por fim a medicina, entre 1245 e 1250. As obras que temos perante nós são na sua maior parte resultado de cursos universitários, mas os dados sobre o percurso académico do autor são escassos e na sua maioria conjecturais: teria estudado Artes em Paris na década de vinte, depois teria ensinado lógica no Norte de Espanha ou no Sul de França onde escreveu as duas obras sobre essa área; os comentários aristotélicos teriam sido escritos em Toulouse, estudando depois medicina em Montpellier (ou em Salerno, como já foi sugerido?), que viria a ensinar em Siena entre 1245 e 1250, único período efectivamente documentado em toda esta biografia. Depois desta data é abundante a

(1) André L. Goddu, «Consequences and Conditional Propositions in John of Glogovia's and Michael of Biertrzykowa's Commentaries on Peter of Spain, and their Possible Influence on Nicholas Copernicus», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age*, 62 (1995), pp. 137-188.

documentação sobre Pedro Julião, mas apenas relacionada com diferendos político-eclésiásticos e com o governo da Igreja.

A historiografia tradicional tem apontado para a identificação de um único autor, Pedro Hispano Portugalense, natural de Lisboa, Julião de nascimento, de uma família que continua a ser difícil identificar, e que viria a ser entronizado papa João XXI em 1276, falecendo em 1277, seis dias depois de um acidente ter feito ruir o tecto dos aposentos do palácio papal de Viterbo onde se encontrava (ver por exemplo De Rijk, 1970, pp. xxiv-xlii). A reconstrução biográfica é dificultada pela existência de diversos Pedros Hispanos de origem portuguesa e activos no século XIII (cfr. Pontes, 1977). As dificuldades patenteadas pelas obras e pela documentação conhecida e sobretudo pelas contradições e lacunas da historiografia, levaram a sugerir a distinção de diversos Pedros Hispanos (Meirinhos, 1996) e a retomar a tese da origem castelhana do autor das obras lógicas, embora com argumentos pouco consistentes (D'Ors, 1997).

Podemos dizer com segurança que todas as obras atribuídas a Pedro Hispano foram escritas em meados do século XIII. Esta obra teria sido escrita num período relativamente curto: entre meados da década de 30, data presumida da composição dos *Tractatus* de lógica, e 1250, data a partir da qual Pedro Julião passa a desempenhar tarefas eclesiástico-administrativas e não parece conhecer-se-lhe qualquer actividade de ensino ou científica.

Alguns eruditos, nem sempre acertadamente, chegam mesmo a atribuir a Pedro Hispano obras que nos manuscritos aparecem como anónimas; outras vezes são os copistas ou os editores que atribuem a Pedro Hispano obras claramente pseudo-epígrafas ou de outros autores (ver no elenco abaixo ponto 2. *Obras espúrias*, p. 371).

Numa tendência que se afirma desde meados do século XIV, o Pedro Hispano autor desta extraordinária obra vem sendo identificado com o lisbonense Pedro Julião, futuro papa João XXI (1). Mas há elementos que permitem questionar esta identificação: a biografia documentada de Pedro Julião, a difusão manuscrita das obras que lhe estão atribuídas, as diferenças de estilo e de conteúdo que aí se encontram e a historiografia sobre "Pedro Hispano" (2).

Não sendo aqui necessário entrar no detalhe das discussões possíveis, deve ter-se em conta que a clarificação do problema não poderá dispensar a discussão simultânea de múltiplas hipóteses: a) existência de um único Pedro Hispano, filósofo, médico e papa; b) possibilidade de se tratar de diversos autores Pedros de origem

(1) A melhor reconstituição biográfica assente na tese da existência de um único autor é a realizada por L. M. de Rijk na introdução da edição crítica dos *Tratados* lógicos (De Rijk, 1972, pp. xxiv-xlii); ver também Pontes, 1977.

(2) Para uma apresentação desta perspectiva de análise ver Meirinhos, 1996.

Hispânica, uns portugueses outros não, pelos quais as obras poderiam ser distribuídas; c) existência de erros de atribuição de obras, como de facto tem sido possível comprovar. No primeiro caso torna-se necessário clarificar o percurso biográfico que dê razão da diversidade de obras e das opiniões contraditórias que nelas se defende. A segunda hipótese, embora permita solucionar um *puzzle* complexo, comporta ainda mais problemas: possibilidade de o autor das obras lógicas ser também o autor dos *Sermones* e do *Comentário a Dionísio* (mas nada impede que estejamos perante dois diferentes autores); possibilidade de Petrus Hispanus Portugalensis ser distinto de todos os outros; distinção entre um Petrus Hispanus *medicus compilator* e um Petrus Hispanus *medicus commentator*; possibilidade de o Pedro Hispano médico ser Pedro Julião (papa João XXI); possibilidade de Pedro Julião não ter escrito qualquer obra. Esta discussão deverá reunir todos os elementos do *dossier* submetendo-os a um minucioso estudo, que deverá comportar: a análise dos documentos biográficos, a avaliação da historiografia sobre o(s) autor(es), a reconstituição da tradição manuscrita das obras, a comparação das obras (estilos, fontes, doutrinas). Com toda a probabilidade estamos perante 4 ou 5 diferentes autores que, com o decorrer dos tempos, foram sendo identificados com o mais famoso dos Pedros Hispanos.

Elenco das obras atribuídas a Pedro Hispano

Na enumeração que se segue, apenas os títulos em *cursivo* estão publicados. Não existe um elenco normalizado dos títulos das obras atribuídas a Pedro Hispano, por isso optou-se pelos títulos que mais facilmente permitem designar cada obra. Entre parênteses indica-se o respectivo editor e ano de edição. A título informativo, indica-se também o número de manuscritos conhecidos de cada obra, de um total de 452 manuscritos recenseados que serviu de base à elaboração deste elenco (estima-se que haverá ainda mais cerca de 150 manuscritos com obras de Pedro Hispano). As referências bibliográficas completas das obras e estudos citados encontram-se na Bibliografia final.

Tenha-se presente que, devido à falta de dados seguros, as datações são hipotéticas e a referência a locais de composição é quase sempre conjectural.

1. Obras de autenticidade reconhecida

Os manuscritos e outros testemunhos documentais atestam que estas obras foram de facto compostas por um Pedro Hispano, mas falta determinar se se trata de um só autor, ou de vários com o mesmo nome.

1.1. Lógica

Segundo todos os indícios, colhidos do conteúdo e da primeira difusão das obras, mas sem que haja documentos que o atestem de modo inquestionável, Pedro escreveu estas obras no Norte de Espanha ou no Sul de França, antes de 1245. As doutrinas, o estilo e as fontes inserem o seu autor no âmbito da lógica parisiense da primeira metade do século XIII. A identificação do autor com o papa voltou a ser posta em causa recentemente (Meirinhos, 1996; d'Ors 1997), mas sem argumentos definitivos. Para uma apresentação mais circunstanciada destas obras, ver neste volume o capítulo «Pedro Hispano e a lógica».

Tractatus, obra mais conhecida como *Summulæ logicales* (ed. de Rijk, 1972). Conhecem-se cerca de 300 manuscritos e mais de 200 edições impressas, a maioria com comentários, realizados em contexto universitário por autores das mais diversas tendências metafísicas e epistemológicas (cfr. Mullally, 1945, pp. 132-158; Ferreira, 1952). A maioria dos manuscritos e das edições impressas não contém o texto puro, mas comentários, reelaborações, sínteses. Tendo servido de base para o ensino da lógica na maioria das universidades europeias entre os séculos XIV e XVI, a autoridade de Pedro era tal que inúmeros autores a recompõem a seu gosto, ou integram partes substanciais do *Tractatus* em obras suas. Para além de glosas, por vezes extensas, introduzidas no próprio corpo do texto, chegam a ocorrer mutilações ou acrescentos mais profundos no Tratado VII, sobre as falácias, que em Itália é por vezes substituído por outro sobre o mesmo assunto atribuído a Tomás de Aquino, e em outras famílias de manuscritos é substituído por um tratado mais curto, conhecido como *Fallaciae minores* de autor anónimo (De Rijk, 1972, p. xciv; o texto está editado na ed. Bochenski, 1947). Ainda na Idade Média a obra foi traduzida para grego e hebraico. A sua grande difusão deve-se ao facto de ter sido adoptada como livro de texto na maioria das universidades e *studia* do continente europeu até ao século XVI, mas a sua presença é nula em Inglaterra, onde a lógica assume uma orientação diversa da da tradição lógica de Paris. Os *Tractatus* são compostos por 12 tratados, seis sobre a *logica antiquorum*, a lógica categorial e das proposições de tradição aristotélico-boeciana (Introdução, Predicáveis, Categorias, Silogismos, Tópicos, Falácias) e seis sobre a *logica modernorum*, a lógica das propriedades dos termos (Suposição, Relativos, Ampliação, Apelação, Restrição, Distribuição). Ao elaborar esta obra Pedro é, em grande parte, um compilador, que retoma definições e resumos já elaborados por outros. Nas «duas lógicas» a originalidade do autor é efectivamente restrita e limitada a alguns pormenores de conteúdo, dada a intensa utilização de textos anteriores recentemente descobertos e editados, mas é importante na reelaboração narrativa e estrutural do *corpus* textual da lógica.

Syncategoremata (ed. De Rijk, 1992). Obra muito menos difundida, de que sobrevivem cerca de 10 manuscritos. Aqui discutem-se problemas de semântica lógica, as propriedades dos termos sincategoremáticos ou expressões consignificantes, que, embora não tenham um significado próprio, afectam a extensão da referência dos termos categoremáticos e, como tal, o valor de verdade da proposição onde ocorrem. A obra é composta por uma introdução e dez tratados. Nos nove primeiros são determinadas regras de uso dos sincategoremas, testadas pela discussão de mais de 50 paradoxos lógicos, designados como sofismas; o último tratado teoriza a arte de responder na disputa lógica, a cujo benefício concorrem a explicação dos sofismas e a definição das regras de uso dos sincategoremas.

1.2. *Filosofia natural*

Os dados disponíveis e o conteúdo destes textos indicam que terão sido escritos em contexto universitário, no Sul de França ou em Itália, por volta de 1240-1255. Para uma apresentação aprofundada, ver neste volume o estudo de João Ferreira «Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano».

Commentarium in de anima Aristotelis I-II (ed. integral do texto subsistente em Alonso, 1944. Ver alguns aditamentos e correcções em Pontes, 1982 e 1984). Conhecem-se dois manuscritos, que abrangem o comentário da primeira metade da obra de Aristóteles. Obra organizada em lições, o que testemunha a sua relação com um curso proferido, onde o autor combina a interpretação literal com a determinação sentencial da doutrina do estagirita e a discussão de questões relacionadas com temas que, no texto comentado, apenas são afloradas, mas que eram centrais na filosofia medieval. Esses temas, vão desde a organização dos saberes e o estatuto especulativo e natural de uma ciência da alma até aos problemas mais específicos de âmbito antropológico-filosófico como a natureza da alma e do corpo, sua relação, abstracção e conhecimento, etc. (mantendo-se o autor dentro dos limites de uma visão naturalística e aristotélica do homem).

Scientia libri de anima (duas ed. integrais: Alonso, 1941; Alonso, 1962). Apenas se conhece um manuscrito completo no qual se baseiam as edições de Alonso e um outro incompleto, descoberto após aquelas edições. Completo e sistemático manual, em 13 tratados, sobre todas as faculdades, objectos e funções da alma, que no seu esquema segue o *De anima* de Avicena, mas onde estão presentes doutrinas de outras proveniências, como algum neoplatonismo e, sobretudo, conhecimentos fisiológicos, que sublinham os consistentes conhecimentos médicos ou biológicos do autor. Com uma intensa visão espiritualista do homem, a obra estrutura-se sobre uma pormenorizada classificação das faculdades da alma, com destaque para as

funções vitais, gnosiológicas e activas, e uma teoria dos intelectos encimada pela frontal defesa de uma inteligência agente separada como fonte universal das verdades inteligíveis, que legitimou a associação do autor com um tipo particular de agostinismo avicenizante

Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite (ed. integral: Alonso, 1952, pp. 403-490). Nesta paráfrase do *De longitudine* e do *De morte et vita* de Aristóteles, organizada no mesmo estilo da *Scientia libri de anima*, são analisadas as causas da morte e da vida, da corrupção nos seres geráveis, da longevidade e da brevidade da vida. Conhecem-se dois manuscritos, ambos completos.

Commentarium cum questionibus super de animalibus. Conhecem-se dois comentários sobre o *De animalibus* de Aristóteles, completamente diferentes entre si, atribuídos a Pedro Hispano. Conhecem-se 3 ou 4 manuscritos (excertos das 2 versões em Pontes, 1964, pp. 255-82; listas de questões das duas versões em Asúa, 1991, pp. 243-358). O comentário «de Madrid» (Madrid, BN, ms. 1877) é uma sequência de questões, muitas vezes simples quesitos, colocadas com algum artifício após o texto aristotélico dividido em lemas, sem que muitas vezes com ele tenham alguma relação. A versão «de Florença» (Firenze, BN, Conv. Sopr., G4. 853) contém uma *Sententia cum quæstionibus*, por lições, em que a própria análise do texto aristotélico ocupa uma parte importante da exposição, completada com questões onde a matéria médica está mais presente que na versão de Madrid. Esta divergência de redacções tem sido explicada por duas formas: ou se trata de obras de autores diferentes, ou foram escritas em momentos diferentes da carreira de Pedro; neste caso o comentário madrileno proviria do período em que Pedro ensinava numa faculdade de Artes e o comentário florentino seria do período em que ensinava medicina. Mas é possível que pertençam a dois autores diferentes.

Problemata (ed. integral: De Asúa, 1991, pp. 359-403). Trata-se de um conjunto de 127 questões (mais propriamente, quesitos) retiradas da versão madrilena do *In de animalibus*. Centra-se sobre as características de partes do corpo e sobre formas de vida específicas dos animais, onde se resolvem dúvidas explicadas com muito senso comum aristotélico e superstição popular no quadro de uma física dos elementos e dos princípios activos contrários, húmido e seco, quente e frio, líquido e sólido, apetite e repulsão, etc. Conhecem-se 11 mss, alguns deles incompletos.

De rebus principalibus naturarum (fragmento subsistente editado em Alonso, 1952, pp. 87-401). Apenas se conhece um manuscrito, com um fragmento do início desta obra sobre a geração e a gestação, processos biológicos a que preside a influência e conjunção dos planetas, também responsáveis pelos bons e maus humores característicos de cada pessoa. No fragmento é anunciada a explicação das virtudes dos seres animais, minerais e vegetais, mas o texto termina abruptamente.

1.3. Teologia e apologetica

Faltam elementos que permitam inserir estas obras no decurso da vida de Pedro Julião. Devido às referências internas, é possível estabelecer que os comentários a Dionísio foram compostos antes de 1250, talvez no Norte de Itália. Quanto aos sermões, não foram ainda relevados quaisquer elementos que permitam datá-los ou contextualizá-los.

Expositio librorum Beati Dionysii (ed. Alonso, 1957). Conhecem-se 3 manuscritos completos, mais um incompleto. A referência a Frederico II e o facto de se tratar de uma paráfrase do comentário literal ou *Extractio* de Tomás Gaulês, abade de Vercelli, parece indicar que a obra terá sido composta em Itália. Numa linguagem influenciada pela escola de S. Victor de Paris, é glosado o pensamento de Dionísio, fortemente marcado pelo neoplatonismo e os seus temas característicos: Deus, transcendência, participação, hierarquia, iluminação, excesso, processão e reversão. Trata-se de um comentário literal ao *corpus areopagiticum*, na tradução de João Sarraceno, a que falta apenas o comentário às 4 últimas das 10 cartas de Dionísio:

- *Expositio in librum de angelica hierarchia*
- *Expositio in librum de ecclesiastica hierarchia*
- *Expositio in librum de divinis nominibus*
- *Expositio in librum de mystica theologia*
- *Expositio in epistolas I-VI Dionysii*

Sermones praedicabiles. Conjunto de sermões para os domingos do círculo do ano, com uma interpretação preferencialmente moral das leituras da missa. Sobrevivem em 4 manuscritos, que apresentam diferentes séries de sermões, cujo elenco se encontra em J. B. Schneyer (1972, pp. 652-663). Os manuscritos que atribuem os *Sermões* a Pedro Hispano identificam-no como dominicano, e sabemos que o papa não pertenceu a esta ordem religiosa.

1.4. Medicina

A obra médica atribuída a Pedro Hispano é a parte mais extensa do *corpus* e encontra-se em boa parte inédita. Pedro Hispano foi mestre de medicina na pequena e nova Universidade de Siena, cidade onde está documentada a sua presença entre 1245 e 1250. Dada a sua forma escolar, não é improvável que os comentários médicos tenham sido escritos neste contexto. A outra parte da obra médica de Pedro Hispano consiste em recolhas de receitas, que poderão ter sido escritas ou ampliadas ao longo dos anos.

A) *Tratados e compilações*

Em geral estas obras possuem uma orientação para a medicina curativa, mas o autor insiste na importância de hábitos sanitários, especialmente dietéticos, para a preservação da saúde e o prolongamento da vida. Não é possível saber em que contexto e em que época estas colecções de receitas foram escritas, mas as referências a médicos salernitanos ou a médicos imperiais, que se podem ler em algumas delas, permitem sugerir que terão sido compostas pelo Pedro Hispano médico em Siena e começadas ou compiladas antes de 1250, mas a sua natureza de receituários admite que tenham sido compostas ao longo de vários anos de recolha de receitas ou *experimenta*.

Aqua mirabilis ad visum conservandum ou *Secretum de oculis*, ver *De oculo* (ed. Berger, 1899, pp. 1-43). Cerca de 50 manuscritos. Receituário oftalmológico.

De conservanda sanitate, que inclui também os opúsculos *De his que conferunt et nocent* e *Qui vult custodire sanitatem stomachi* (ed. Pereira, 1973, pp. 427-500). Cerca de 15 manuscritos. Receituário dietético.

De egritudinibus oculorum et curis, ver *De oculo* (ed. Berger, 1899, pp. 44-82). Cerca de 50 manuscritos. Receituário oftalmológico.

De febribus (ed. e trad. Pereira, 1973, pp. 301-323). É uma compilação de receitas contra as febres de todos os tipos, composta ao estilo do *Thesaurus pauperum*, sendo em geral colocado a seguir a este como sua última parte. Por isso, também subsiste em mais de 100 manuscritos e múltiplas edições e traduções para línguas vulgares.

De oculo: título comum dado pelo editor (Berger, 1899) aos receituários oftalmológicos *De egritudinibus...* e *Aqua mirabilis...*, que de facto constituem obras distintas.

De phlebotomia (ed. Wilke, 1924). Conhecem-se 4 manuscritos, alguns dos quais titulam este texto como *Tabula phlebotomiae secundum Avicenam*. Texto sobre a prática da sangria, com interesse para o conhecimento da estomatologia na Idade Média.

De regimine sanitatis per omnes menses (ed. Pereira, 1973, pp. 414-419). Curto texto dietético de que se conhece apenas 1 manuscrito.

Dietæ super cyurgia (ed. excertos em K. Sudhoff, 1918). Curto opúsculo de que se conhece apenas 1 manuscrito com receitas e práticas para a cura de feridos e de mazelas que decorrem da guerra. No *colophon* a obra é atribuída a Petrus Compostellanus, também designado como Petrus Hispanus.

Thesaurus pauperum (ed. e trad. Pereira, 1973, pp. 76-300). Conhecem-se cerca de 200 manuscritos, alguns com traduções em línguas vernáculas, e em hebraico, o que atesta a popularidade da obra desde muito cedo. São também inúmeras as edições. Trata-se da compilação médica mais difundida e popular de Pedro. De

facto, a compilação de receitas para todo o género de males, dos cabelos às unhas dos pés, mereceu larga difusão e foi muitas vezes reelaborada, parafraseada ou incluída parcialmente em obras do mesmo género. Misturando princípios activos naturais com outros próximos da magia e da superstição, o autor vale-se de todo o género de fontes populares e eruditas, mas muitas vezes ele próprio se apresenta como autor de algumas das receitas que compila neste manual de prática curativa. Têm merecido alguma atenção as receitas e conselhos sobre práticas sexuais. No seu final costuma ser colocado o *De Febribus*, composto no mesmo estilo, mas que de facto é uma obra diferente. O autor coloca a obra sob a égide do «Pai dos pobres», isto é, Deus, o que erradamente chegou a ser interpretado como uma dedicatória ao papa Gregório X, a cujo serviço estaria quando a obra foi escrita, segundo a mesma tradição.

Tractatus de anathomia corporis. 2 manuscritos.

B) Comentários e glosas

O autor debruça-se sobre boa parte do *curriculum* de Medicina, em particular todos os textos de uma versão alargada da *Articella* e recorre a um amplo leque de fontes literárias, prolongando a medicina salernitana. Uma boa parte destes comentários, seguramente realizados em contexto universitário com difusão relativamente reduzida, encontra-se no manuscrito 1877 da Biblioteca Nacional de Madrid. Estes textos seguem de perto as obras comentadas, mas em geral acrescentam-lhe questões que vão muito para lá dos seus temas. Não é fácil encontrar uma orientação doutrinal numa obra tão vasta, na sua maioria inédita e pouco estudada. A homologia microcosmos-macrocosmos acompanha os discursos interpretativos sobre a anatomia e a fisiologia do corpo, apresentando-se a medicina como a ciência que permite restabelecer preventiva ou curativamente os seus equilíbrios ou virtudes naturais. As matérias antropológicas, como a natureza da alma e as suas faculdades, o lugar e o fim do homem, ou as afecções espirituais ocupam inúmeras questões ao longo das diferentes obras.

Commentarium cum questionibus super libro de urinis Ysaaci (Isaac, ff. 156r-203r). Duas versões, 4 manuscritos.

Commentarium cum questionibus super libro dietarum particularium Ysaaci (Isaac, ff. 103r-156r). 2 versões, 7 manuscritos.

Commentarium cum questionibus super libro dietarum universalium Ysaaci. (ISAAC: ff. 11r-103r). 2 versões; 7 manuscritos.

Glose super libris de febribus Ysaaci. 2 manuscritos.

Glose super Tegni <Galeni> seu in artem parvam Galeni. 7 manuscritos.

Notule super Johannicum Ysagoge ad Tegni <Galeni>. 4 manuscritos.

Questiones super libro de crisi et super libro de diebus decretoriis Galeni. 1 manuscrito.

Notule super regimine acutorum Hippocratis. 3 manuscritos.

Problemata supra pronostica Hippocratis. 3 manuscritos.

Questiones super libris aphorismorum Hippocratis. 3 manuscritos.

Questiones super de pulsibus Filareti. 4 manuscritos.

Questiones super Viaticum Constantini (ed. parcial Wack, 1990, pp. 230-251, sobre o mal de amor e a quantificação do apetite e prazer sexuais). 4 manuscritos. A versão designada como "A" por M. F. Wack, 1990 e parcialmente editada nas pp. 212-229, não é de Pedro Hispano.

1.5. Obras perdidas

Há alguns textos, talvez perdidos, que são referidos pelo próprio Pedro Hispano em alguma das obras acima referidas, ou por eruditos antigos e que há razões para se supor que foram de facto escritos.

In mathematicis.

Lectiones in primum librum physicorum, seu Questiones physice.

Supra librum de sensu et sensato.

De formatione hominis tractatus.

De medenda podraga tractatus.

Glosa in Hippocratis de natura puerorum.

1.6. Cartas e bulas pontifícias de João XXI

Foram naturalmente redigidas ou ditadas durante o papado, na cidade de Viterbo, em 1276 e 1277.

Regestum. Edição parcial do manuscrito «Città del Vaticano, Archivio Segreto, Reg. Vat. n.º 38», L. Cadier, *Le Registre de Jean XXI (1276-1277)*. *Recuei des Bulles de ce Pape, publiées ou analysées d'après le manuscrit original des Archives du Vatican*, in *Les registres de Grégoire X (1276-1277)*, fasc. 3 (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, 12, 3) Paris, 1898, 1960 (*Tables*).

O resumo de algumas dezenas de bulas, publicadas em diversas fontes, encontra-se em «Iohannes XXI. 1276.1277», in A. Potthast, *Regesta pontificum romanorum* II, pp. 1710-8, Berlin, 1875.

1.7. Obras de autenticidade discutível ou não verificada

Questiones de Metaphysica [1 ms]

Versus de pluvia, de nive, de pruine, de rose, de prandine et de terra (sete versos) [1 ms]

Synonima [2 ms]

Questiones de medicinis laxativis [1 ms]

2. Obras espúrias

Por razões diversas foram sendo atribuídas a Pedro Hispano obras que hoje sabemos que pertencem a outros autores.

2.1. Lógica

Alguns textos de lógica começam a acompanhar, num período relativamente tardio, as próprias obras de Pedro Hispano a quem são também atribuídos. Dada a época em que começam a circular podemos concluir que não faziam parte das obras originais.

Fallaciae minores. De Tomás de Aquino ou de autor anónimo, após 1280 surge em múltiplos manuscritos e edições das *Summulæ* (e também em Bochenski, 1944, pp. 65-91, que edita um manuscrito dessa tradição) em substituição do genuíno e mais extenso Tratado VII, também conhecido como *Tractatus maiorum fallaciarum* ou *fallaciae maiores* (cfr. De Rijk, 1972, p. xciv).

Tractatus exponibilia (ed. e trad. Mullally 1945, pp. 104-129). De autor anónimo, começa a surgir junto às *Summule* em meados do século XIV e seria impresso em edições tardias das *Summule*, razão pela qual Mullally ainda o edita como de Pedro Hispano (cfr. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge, 1982, p. 878: entrada «Pseudo Petrus»).

Tractatus syncategorematum. É um tratado totalmente diverso do do texto ortónimo editado por De Rijk (1992), de autor não identificado e inserido nas edições das *Summule* de Colónia de 1489 e 1496 de um modo susceptível de gerar equívocos de atribuição (cfr. *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, Cambridge 1982, p. 878: entrada «Pseudo Petrus»).

2.2. Filosofia

Expositio libri de anima II-III (Alonso, 1952, pp. 87-401). Trata-se de um texto de autor anónimo, mas seguramente de tradição anglo-saxónica. Conhece-se apenas um manuscrito, na Biblioteca Nacional de Madrid, que foi encadernado junto com a *Scientia Libri de Anima*, o que induziu em erro Manuel Alonso que o publicou como de Pedro Hispano. Erradamente é agora atribuído a um «pseudo Pedro Hispano»; seria mais apropriado citá-lo como Anónimo de Madrid.

In <Pseudo> Aristotelis physionomiam. De facto é uma obra de Guilherme Hispano, médico aragonês da primeira metade do século XIV, que um copista, por erro, atribuiu a Pedro Hispano (cfr. Meirinhos, 1995).

2.3. Alquimia, astrologia

Concilium de tuenda valetudine. Trata-se de um excerto da tradução de Johannes Hispalensis do *Secretum secretorum* do ps.-Aristóteles. Dos cerca de 150 manuscritos conhecidos apenas 2 atribuem a obra a Pedro Hispano, certamente por erro de desdobramento do acrónimo do autor da tradução (v. g.: I H).

Operatio (alquimia) [1 ms]

Veni mecum (alquimia) [1 ms]

Verba secreta magistri Petri yspani in arte Alkimie [1 ms]

2.4. Medicina

De urina. 25 versos leoninos sobre a urina. 3 manuscritos.

De venenis (é de Pietro di Abano). Obra atribuída a Pedro Hispano, porque num manuscrito está antes de uma tradução do *Thesaurus Pauperum*.

Questiones super Viaticum Constantini (ed. parcial Wack, 1990, pp. 212-229: sobre o mal de amor e a quantificação do apetite e prazer sexuais consoante os géneros). 2 manuscritos, erradamente atribuídos a Pedro Hispano pelo antigo proprietário do manuscrito de Erfurt.

BIBLIOGRAFIA (EDIÇÕES/ESTUDOS HISTÓRICO-CRÍTICOS)

A lista de estudos sobre Pedro Hispano é extensa, mesmo sem contarmos com as obras gerais, onde o seu pensamento é tratado. Nesta bibliografia, que diz respeito à Parte III

deste capítulo reúnem-se apenas as referências às edições mais actuais e aos estudos que contribuam com elementos ou hipóteses sobre a sua atribuição e datação e conteúdo, completando as informações fornecidas no precedente elenco de obras.

Alonso Alonso, Manuel (S. I.)

1941 *Pedro Hispano. De Anima* [= *Scientia libri de anima*], CSIC, Madrid.

1944 *Pedro Hispano. Obras Filosóficas II-Comentario al De Anima de Aristóteles* [= *Commentarium in de anima*], CSIC, Madrid.

1952 *Pedro Hispano. Obras Filosóficas III* [Inclui: *Tractatus bonus de Longitudine et Brevitate Vite* (pp. 403-490); Pseudo? Petrus Hispanus *De rebus principalibus naturarum*, fragm. (491-502); e tb. o Pseudo Petrus Hispanus (melhor dito: Anónimo) *Expositio Libri de Anima II-III* (pp. 87-401)], CSIC, Madrid.

1957 *Pedro Hispano. Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*. [inclui a *Thomæ Galli Extractio* (507-671)], IAC, Lisboa.

1961 *Pedro Hispano. Obras Filosóficas I-Scientia libri de anima* (2.^a ed.) Col. Libros Pensamiento 4. Juan Flors Editor, Barcelona.

Antunes, José

1990 «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», in *IX centenário da dedicação da Sé de Braga*, Vol. II/1, pp. 125-184, Ed. da Universidade Católica Portuguesa — Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga.

Barbosa, João Morais

1984 «Pedro Hispano e a “Expositio Librorum Beati Dionysii”», in idem, *Estudos de Filosofia Medieval-1* (pp. 52-98), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Berger, Albrecht Maria

1899 *Die ophthalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI.)*. Text und übersetzung. Verlag von J. F. Lehmann, München.

Bochen@ski, Iuri M.

1947 *Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scriptu Reg. Lat. 1205 edidit I. M. B. (O. P.)*, Marietti, Torino.

De Asúa, Miguel J. C.

1991 *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great and the Comentararies on De animalibus*. Dissertation, University of Notre Dame, Indiana (USA).

D'Ors, Angel

1997 «Petrus Hispanus O.P., auctor *Summularum*», *Vivarium* 35, pp. 21-71.

Ferreira, João

1952 «As Súmulas Lógicas de Pedro Hispano e os seus comentadores», *Colectânea de Estudos* (2.^a série) 3 (1952), pp. 360-394.

1959 *Presença do Augustinismo avicenzante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano (Pars dissertationis* [Tese di Laurea: Roma, Antoniano, 1953]). Editorial Franciscana, Braga.

Gauthier, René Antoine (O. P.)

1984 «Préface» (pp: 236*-242*). Sancti Thomæ de Aquino, *Sententia libri de anima*. Opera Omnia, t. XLI,1. Commissio Leonina, Roma-Libr. Philos. J. Vrin, Paris.

1989 «Préface» (pp: 52*-53*). Sancti Thomæ de Aquino, *Expositio libro peryermeneias*. Opera Omnia, t. I*,1. Commissio Leonina, Roma-Libr. Philos. J. Vrin, Paris.

Gilson, Étienne

1955 *History of Christian Philosophy in the Middle Ages* (pp. 319-323 e notas), Random House, London.

Grabmann, Martin

1937-38 «Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI», *Archiv. d'Hist. Doctr. Litt. M. Age* 11 (1937-8), pp. 167-208.

Isaac [Abu Ya'qub ISHAQ ibn Sulaiman al-ISRA'ILI]

1515 *Omnia opera Ysaaci*. Vol. I. Lugduni [Lyon].

Mullally, J. P.

1945 *Peter of Spain Summulæ logicales* (Publications in Medieval Studies. 8), The University of Notre Dame Press, Indiana.

1964 *Peter of Spain «Tractatus Syncategorematum» and Selected Anonymous Treatises*, Transl. Joseph P. Mullally; Introd. Joseph P. Mullally and Roland Houde (Mediæval Philosophical Texts in Translation, 13) Marquette University Press, Milwaukee (Wis.).

Meirinhos, J. F.

1995 «A atribuição a Petrus Yspanus das Sententie super libro de Physonomia de Guillelmus Hispanus, no manuscrito Vaticano, Urb. lat. 1392», *Mediævalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995), pp. 329-359.

1996 «Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores», *Revista Española de Filosofia Medieval*, 3 (1996), pp. 51-76.

1998 «Métodos e ordem das ciências no Comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano», *Veritas*, 43 (1998), pp. 593-621.

Nagel, Silvia

1991 «Antropologia e medicina nei *Problemata* di Pietro Ispano», *Medioevo* 17 (1991), pp. 221-248.

1996 «*Artes, scientia e medicina nel commento al De animalibus di Pietro Hispano*», *Bulletin de philosophie médiévale*, 38 (1996), pp. 53-65.

Paravicini Bagliani, Agostino

1991 *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi nel duecento*, CISAM, Spoleto.

Pereira, Maria Helena da Rocha

1973 *Obras Médicas de Pedro Hispano*. Prefácio, introduções, traduções e notas de M.H.R.P. Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra [reedição de estudos e edições, que a A. publicou entre 1952 e 1962].

Pontes, José Maria da Cruz

1964 *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinais do século XIII. A origem da alma*, Univ. de Coimbra.

- 1972 *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Univ. de Coimbra.
- 1974 «Les *Questiones libri de Anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Medievalia Philosophica Polonorum*, 19 (1974), pp. 127-139.
- 1976 «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 43 (1976), pp. 167-201.
- 1977 «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis, le pape Jean XXI († 1277) est-elle nécessaire?», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 44 (1977), pp. 220-230.
- 1990 «Questões pendentes acerca de Pedro Hispano Portugalense (Filósofo, Médico e Papa João XXI)», in *IX Centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional. Actas*, vol. II/1 (pp. 101-124), Universidade Católica, Braga.
- Rijk, L. M. De
- 1972 *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis). Tractatus* (called afterwards *Summule Logicales*). First Critical Edition..., Van Gorcum & Comp. B. V., Assen.
- 1992 *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis) Syncategoreumata*. First Critical Edition with an Introduction and Indexes by L.M. de Rijk. With an English translation by Joke Spruyt (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 30) E. J. Brill, Leiden-New York-Köln, 1992.
- Schneyer, Johannes Baptist
- 1972 *Repertorium der Lateinischen Sermones des Mittelalters, für die Zeit von 1150-1350*. Band 4: *Autoren L-P* (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. Text und Untersuchungen, 43), Aschendorf Verlagsbuchhandlung, Münster, Westfalen, 1972 (pp. 652-663).
- Schipperges, Heinrich
- 1967 «Grundzüge einer scolastischen Antropologie bei Petrus Hispanus», *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte* I 7 (1967) 1-51 (Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft Münster).
- 1994 *Arzt im Purpur. Grundzüge einer Krankheitslehre bei Petrus Hispanus (ca. 1210 bis 1277)*, Springer Verlag, Berlin.
- Sudhoff, Karl
- 1918 «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», *Beiträge zur Geschichte der Chirurgie*, 2 (1918) 395-398 (Studien zur Geschichte der Medizin und Heilkunde, 11-12).
- Wack, Mary Frances
- 1990 *Lovesickness in the Middle Ages. The Viaticum and its Commentaries*, University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- Wilke, W.
- 1924 *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde*, Dissertation, Institut für Geschichte der Medizin an der Universität Leipzig, Leipzig.